



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS PORTUGUÊS**

ADEMAR FERREIRA ALVES NETO

**A ABORDAGEM DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E DO PRECONCEITO
LINGUÍSTICO NOS CURRÍCULOS DE ESCOLAS PÚBLICAS DO MUNICÍPIO DE
MARI-PB**

**GUARABIRA-PB
2022**

ADEMAR FERREIRA ALVES NETO

**A ABORDAGEM DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E DO PRECONCEITO
LINGUÍSTICO NOS CURRÍCULOS DE ESCOLAS PÚBLICAS DO MUNICÍPIO DE
MARI-PB**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à
Universidade Estadual da Paraíba - UEPB,
Campus III- Guarabira, como requisito para
fins de obtenção do título de Licenciado em
Letras-Habilitação em Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Vinícius Ávila
Nóbrega

**GUARABIRA-PB
2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

A474a Alves Neto, Ademar Ferreira.

A abordagem da variação linguística e do preconceito linguístico nos currículos de escolas públicas do município de Mari - PB [manuscrito] / Ademar Ferreira Alves Neto. - 2022.
73 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Portugêses) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2022.

"Orientação : Prof. Dr. Paulo Vinicius Ávila Nóbrega ,
Coordenação do Curso de Letras - CH."

1. Variação linguística. 2. Preconceito linguístico. 3. Sociolinguística. 4. Currículo. I. Título

21. ed. CDD 410

ADEMAR FERREIRA ALVES NETO

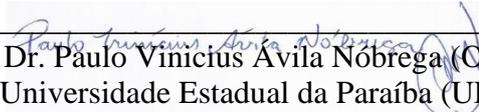
A ABORDAGEM DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E DO PRECONCEITO
LINGUÍSTICO NOS CURRÍCULOS DE ESCOLAS PÚBLICAS DO MUNICÍPIO DE
MARI-PB

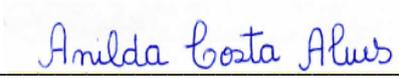
Trabalho de conclusão de curso
apresentado à Universidade Estadual da
Paraíba - UEPB, Campus III Guarabira
como requisito para fins de obtenção do
título de Licenciatura em Letras-
Habilitação em Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Vinícius
Ávila Nóbrega

Aprovada em: 23/11/2022.

BANCA EXAMINADORA


Prof. Dr. Paulo Vinicius Ávila Nóbrega (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof^a. Me. Anilda Costa Alves
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof^a. Dra. Monique Alves Vitorino
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

AGRADECIMENTOS

A Deus, meu refúgio e fortaleza, que nunca me abandonou e que me deu a vida, todo meu sucesso é para louvá-lo.

À minha mãe e professora, Maria Betânia Alves Lino, meu porto seguro, que, com seu amor e dedicação, sempre foi exemplo de mulher forte e guerreira que me fez seguir os caminhos da educação e da honestidade. Seu esforço para cuidar de mim se tornou motivação para que, um dia, você pudesse me ver formado.

À minha esposa, Edilane dos Santos Gomes, meu porto seguro, que acreditou em mim e sempre me apoiou em minhas decisões e que, com seu amor e dedicação, tem sido minha base, me ajudando nos desafios diários. Você é um exemplo de honestidade e que, com educação e trabalho, é possível alcançar os objetivos da vida.

Ao meu professor doutor Paulo Vinícius Ávila Nóbrega, que acreditou em mim em um momento difícil, após dois anos afastado das atividades acadêmicas, e que, com sua orientação e a participação em suas aulas, me fizeram um cidadão melhor.

À minha irmã, Amanda Alves Lino, que foi meu primeiro exemplo no campo educacional e que me fez enxergar, através de sua vida, que a educação é a principal forma de alcançar dias melhores.

À minha avó, Maria Luiza Cavalcante, primeira professora da família, a qual se alegra com minhas conquistas. Em seu lar, cresci, tendo-a como exemplo. Não poderia seguir um caminho diferente do seu: educar.

À Polícia Militar do estado da Paraíba, instituição que merece apoio da sociedade, da qual provejo meu sustento e me possibilita alcançar dias melhores para mim e para minha família, procurando servir aos cidadãos paraibanos com dignidade e empatia.

RESUMO

A língua é um instrumento vivo e heterogêneo, a qual está em constante mudança. Nessa perspectiva, a presente pesquisa tem como objetivo geral analisar como os temas da variação linguística e do preconceito linguístico estão presentes em documentos que compõem o currículo de escolas públicas da rede estadual de ensino do município de Mari-PB. Para alcançar tal objetivo, considerando os documentos das escolas, propomo-nos à realização de uma pesquisa documental, a qual é de caráter qualitativo e interpretativista, para fins de verificação da garantia que tais temas possuem nos currículos escolares. Para a estrutura teórica e análise, apoiamo-nos nas discussões de Coelho *et al.* (2021), Bagno (1999), Mollica (2007), Lucchesi (2001), Bortoni-Ricardo (2005; 2014), entre outros. A análise revela que o assunto variação linguística não possui metodologia garantida nos currículos escolares e que não há atividades que levem os discentes à reflexão sobre esse conteúdo. Além disso, mostra que não existe espaço para a temática do preconceito linguístico em tais documentos. Portanto, constatamos que os temas dessa pesquisa ainda se encontram de forma superficial nos currículos escolares.

PALAVRAS-CHAVE: Variação linguística. Preconceito linguístico. Sociolinguística. Currículo.

ABSTRACT

Language is a living and heterogeneous instrument, which is in constant change. In this perspective, the present research has as a main objective to analyze how the theme of linguistic variation and linguistic prejudice are present in documents that make up the school curriculum of public schools in the state education network of the county of Mari - PB. To achieve this objective, considering the documents of the schools, we propose to carry out a documental research, which has a qualitative and interpretive character, for the purpose of verifying the guarantee that such themes are on the school curriculum. For the theoretical structure and analysis, we rely on discussions by Coelho *et al.* (2021), Bagno (1999), Mollica (2007), Lucchesi (2001), Bortoni-Ricardo (2005; 2014), among others. The analysis reveals that the subject of linguistic variation does not have a guaranteed methodology in school curriculum and there are no activities that lead students to reflection about this important content. Furthermore, it shows that there is no space for the theme of linguistic prejudice in such documents. Therefore, we found that the themes of this research are still timidly found school curriculum.

KEYWORDS: Linguistic variation. Linguistic prejudice. Sociolinguistics. Curriculum.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –	Conteúdos disponíveis no Doc1 a serem abordados no 1º bimestre	31
Figura 2 –	Conteúdos disponíveis no Doc2 a serem abordados no 4º bimestre	31
Figura 3 –	Objetivos específicos a serem alcançados durante o bimestre	36
Figura 4 –	Objetivos a serem alcançados durante o ano letivo	37
Figura 5 –	Justificativa da unidade para a abordagem dos conteúdos	39
Figura 6 –	Metodologia utilizada durante o ano letivo	40
Figura 7 –	Referências propostas/utilizadas para a consulta do estudante	41
Figura 8 –	Fontes de pesquisa para o professor	43
Figura 9 –	Atividades propostas durante o bimestre	44
Figura 10 –	Critérios avaliativos da escola	45
Figura 11 –	Quadro de avaliação utilizado pela escola	46

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Critérios utilizados para análise do Doc1 e o do Doc2	29
---	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- BNCC – Base Nacional Comum Curricular
- ECI – Escola Cidadã Integral
- LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação
- PPP – Projeto Político Pedagógico
- UEPB – Universidade Estadual da Paraíba
- UFRN – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	SOCIOLINGUÍSTICA	13
2.1	A constituição da língua portuguesa brasileira.....	15
3	A HETEROGENEIDADE E O PROCESSO DE IDENTIDADE SOCIAL DE UMA LÍNGUA.....	17
3.1	A língua como identidade.....	18
4	SOCIOLINGUÍSTICA EDUCACIONAL: A VARIAÇÃO E O PRECONCEITO LINGUÍSTICO EM SALA DE AULA.....	20
4.1	Preconceito linguístico.....	22
5	METODOLOGIA	24
5.1	Instrumentos utilizados na pesquisa.....	24
5.2	Características das escolas.....	26
5.3	Procedimentos adotados.....	27
6	RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	29
6.1	Análise dos documentos escolares.....	30
6.1.1	<i>Há a presença do tema variação linguística?</i>	30
6.1.2	<i>Há a presença do tema preconceito linguístico?</i>	33
6.1.3	<i>Há espaço para as variedades linguísticas dos alunos e da comunidade na qual estão inseridos?</i>	34
6.1.4	<i>Há propostas de conscientização das noções de “certo” e de “errado” na Língua Portuguesa?</i>	36
6.1.5	<i>Existe detalhamento dos aspectos metodológicos quanto ao tema?</i>	38
6.1.6	<i>Há propostas de materiais complementares e de referências bibliográficas utilizadas para a abordagem do tema?</i>	41
6.1.7	<i>Há propostas de atividades e avaliações com o tema?</i>	44
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
	REFERÊNCIAS	49
	ANEXO A.....	51
	ANEXO B	54
	ANEXO C	61
	ANEXO D	63
	ANEXO E	70

1 INTRODUÇÃO

O ensino de Língua Portuguesa constitui um grande desafio tanto para professores quanto para alunos, principalmente, os da rede pública de ensino. Regras gramaticais, ensino de literatura e produção de texto são alguns exemplos das habilidades que os estudantes das escolas da rede básica de ensino têm que desenvolver ao longo do seu período na escola. Em contrapartida, os professores são desafiados, desde o período de formação, a desenvolver as habilidades dos alunos e, além disso, a abordar os conteúdos de forma didática, de modo a romper os padrões tradicionais de ensino, sobretudo, no que se refere às temáticas sociais.

Mediante essa questão, é notório que grande parte dos estudantes de escola pública é proveniente de áreas onde os recursos públicos pouco chegam, ou, às vezes, nem chegam. Logo, é necessário que o ensino cumpra o seu papel não apenas de passar conteúdos, mas também de adotar posturas que combatam exclusões e valorizem a realidade dos alunos, inclusive no que se refere à língua. No entanto, ainda vemos na mídia, na sociedade, em redes sociais e até mesmo em escolas expressões que aludem a ideias de que existe apenas uma forma de falar e de escrever.

Em virtude disso, apesar do engajamento recorrente nos últimos tempos para coibir alguns tipos de preconceitos, ainda há casos invisíveis na nossa sociedade, entre eles está o preconceito linguístico. Nesse cenário, vários linguistas têm buscado, através de suas pesquisas, políticas de ensino linguístico que, de fato, adotem uma postura de ensino de língua de modo a contribuir para a erradicação de tais discriminações. Além disso, esses pesquisadores procuram uma abordagem de ensino linguístico que não seja baseado, exclusivamente, na norma padrão e que rompa, portanto, com a ideia de que esta deva ser a única habilidade a ser desenvolvida no ensino de Língua Portuguesa. Entretanto, será que, na prática, os currículos escolares têm buscado garantir, através de seus documentos, um ensino de língua vivo e heterogêneo? Será que o ensino de língua valoriza a identidade linguística dos alunos e diminui os preconceitos acerca da língua?

Tendo em mente que a variação é um dos aspectos presentes de todas as línguas e que a não conscientização das diferenças pode acarretar discriminações e, conseqüentemente, exclusões sociais, os diferentes dialetos da nossa sociedade e a ideia de que não existe uma única forma de falar são temas que precisam ter espaço na sala de aula. Dessa maneira, nessa pesquisa, trataremos dos temas variação linguística e preconceito linguístico como conteúdos indispensáveis em currículos escolares, a fim de proporcionar um ensino de língua heterogêneo, que garanta, por meio de seus documentos, espaço às diversidades dos

estudantes, rompa paradigmas e leve os alunos a um ensino reflexivo de Língua Portuguesa. Com efeito, espera-se que esse ensino consiga diminuir as diferenças e, por consequência, com o passar do tempo, erradique o preconceito linguístico.

A escolha por esse tema se justifica pela busca, na prática, de como as escolas dão lugar a temáticas sociais, através dos conteúdos abordados em seus currículos, principalmente, no que se refere ao estudo do português brasileiro, já que a ligação entre a sociedade e a língua vem sendo objeto de estudo há mais de 50 anos por pesquisadores da sociolinguística. Ademais, o currículo escolar constitui um importante documento que pode garantir (ou não) a presença de tais conteúdos e mostrar o grau de importância que a escola os confere. Além disso, a escolha por esse tema nasceu da vontade de colaborar para que professores e acadêmicos da área de Língua Portuguesa possam saber correlacionar aquilo que foi visto no curso de letras com uma educação sociolinguística que acabe com preconceitos, diminua exclusões sociais e conceba a língua portuguesa de forma heterogênea como ela realmente é.

Partindo do tema aqui apresentado, a fim de contemplar uma educação que, de fato, coloque em prática aquilo que foi abordado nas justificativas, o objetivo geral dessa pesquisa é analisar como o tema da variação linguística e do preconceito linguístico estão presentes em documentos que compõem o currículo escolar de escolas públicas da rede estadual de ensino do município de Mari-PB. Para alcançar tal propósito, utilizaremos como objetivos específicos: a) Verificar de que maneira é garantida a abordagem do preconceito e da variação linguística para as aulas de Língua Portuguesa no Ensino Médio nos currículos das escolas públicas de Mari-PB; b) Observar se esses temas são mencionados ou se há algum investimento qualitativo na abordagem desse trabalho nos currículos das aulas de Língua Portuguesa; c) Perceber a importância que é dada (ou não) a esses temas nos documentos das escolas escolhidas.

Com base no que foi dito, a fim de alcançar os objetivos acima elencados, fundamentamos essa pesquisa, fazendo um breve percurso acerca dos estudos linguísticos, abordando as primeiras teorias de Saussure acerca do estruturalismo até chegarem à sociolinguística dos anos 60, de William Labov. Para tal, passamos pelo gerativismo de Noam Chomsky e pelo funcionalismo linguístico, teoria que começaria a discutir os fatores extralinguísticos nos estudos da língua. Nessa seção, destacamos, ainda, a heterogeneidade linguística, abordamos a identidade da língua através dos estudos de Labov na ilha de

Martha's Vineyard no estado de Massachussets (EUA¹) e, por fim, destacamos a questão do preconceito linguístico. Para tanto, apoiamo-nos nas discussões de Coelho *et al.* (2021), Cavalcante; Silva; Oliveira (2020), Mollica (2007), Lucchesi (2001), Bortoni-Ricardo (2005; 2014), entre outros.

No que se refere à natureza da pesquisa, tomamos como metodologia uma abordagem qualitativa e interpretativa de caráter documental, haja vista o objetivo de analisar os temas da variação e do preconceito linguístico, através de interpretações, e buscar sempre evidências de como tais temas são abordados em currículos escolares. Já na análise, o *corpus* desta pesquisa se constitui de dois documentos que compõem o currículo das escolas, os quais serão analisados a partir de sete critérios que buscam enfatizar o espaço, as metodologias utilizadas e as atividades escolhidas para abordagem acerca dos temas. Além disso, buscamos, nesses critérios, propostas de ensino que visem erradicar os estigmas linguísticos, utilizando a conscientização acerca das noções de “certo” e de “errado” em Língua Portuguesa. Para tanto, além dos autores já mencionados, tomamos como base as discussões de Moreira e Silva (2016), Lima (2016), Bagno (1999), na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional — LDB — (BRASIL, 1996), entre outros.

Dessa maneira, os resultados dessa pesquisa nos mostrarão como a variação e o preconceito linguístico, apesar de percorridos mais de cinco décadas de estudos sociolinguísticos, ainda aparecem de maneira pouco enfática em currículos escolares. Segundo Coelho *et al.* (2021, p. 159-160) “não se concebe um professor que não seja também um pesquisador, de modo a não ser um mero repetidor de informações ou repassador de conteúdos previamente oferecidos nos manuais didáticos disponíveis em larga escala no mercado”. Através dessa pesquisa, buscaremos sugerir um ensino de língua que não reduza um tema de tamanha importância social a meros requisitos formais, mas sim busque um ensino linguístico que valorize o fenômeno da variação. Nas considerações finais, traremos as contribuições da pesquisa, a fim de servir de direcionamento para instituições de ensino da educação básica e superior, profissionais da educação e pesquisadores.

¹ Estados Unidos da América.

2 SOCIOLINGUÍSTICA

Os estudos que, efetivamente, tratam de como os indivíduos produzem linguagem remontam o início do século XX, com Ferdinand Saussure. Nesse contexto, o linguista suíço dá início, em 1916, com a obra *Curso de Linguística Geral*, a corrente de estudos denominada **estruturalismo**. Essa nova abordagem de estudos concebia a língua como um sistema de signos linguísticos convencionados, além de enxergá-la de maneira homogênea, em si e por si mesma, a qual estava desvinculada de fatores extralinguísticos, isto é, elementos externos a ela, por exemplo, questões sociais, contextuais e históricas. Embora Saussure admitisse que a língua seria um fenômeno social, os fatores externos eram deixados de lado por ele em seus estudos, conforme aponta Coelho *et al.* (2021).

Logo depois, na década de 1950, nos Estados Unidos, o linguista Noam Chomsky traz uma nova teoria de estudos chamada **gerativismo**. Nessa nova corrente, a língua é vista como um “sistema abstrato de regras para a formação de sentenças” (COELHO *et al.*, 2021, p. 56). Nesse sentido, apesar dessa teoria lidar com a capacidade inata que o falante tem de criar e de compreender as estruturas de uma língua, a criatividade não supera o código, uma vez que o próprio sistema prenuncia as novidades linguísticas, segundo o pensamento de Soares e Silva (2020). Portanto, podemos observar que,

Assim como o estruturalismo, o gerativismo considerava a língua um sistema homogêneo desvinculado de fatores históricos e sociais. O objeto da Linguística, para o autor, não era a fala dos indivíduos, mas as intuições do pesquisador acerca da língua e seus julgamentos sobre a gramaticalidade das frases. Nessa perspectiva, o indivíduo é tido como um falante ouvinte ideal, situado numa comunidade de fala homogênea e abstrata (COELHO *et al.*, 2021, p. 56-57).

A partir de 1970, ganha força, também nos Estados Unidos, uma nova teoria de estudos linguísticos: o **funcionalismo**. Nesse novo espaço teórico, a língua é concebida como “instrumento de interação, que se atualiza no uso” (CAVALCANTE; SILVA; OLIVEIRA, 2020, p. 105). Sob essa perspectiva, embora o fator social ainda não tenha o seu devido destaque nessa corrente — como o estruturalismo — os fatores externos à língua ganham destaque e os aspectos contextuais de uso da língua começam a determinar as escolhas dos falantes em termos linguísticos. Dessa forma, mesmo que essa corrente ainda não desse total espaço para os fatores sociais, percebemos que “há a consideração de que funções externas ao sistema linguístico influenciam a organização interna do sistema” (CAVALCANTE; SILVA; OLIVEIRA, 2020, p. 106). Assim, comparado às abordagens iniciais de Saussure, o

funcionalismo seguiria como uma ponte entre o estruturalismo e as influências sociais da sociolinguística.

Mesmo que os estudiosos supracitados tenham contribuído, significativamente, para os estudos linguísticos atuais, no início do século XX surgiram outros pesquisadores que correlacionariam a língua com fatores sociais e históricos, enxergando-a como um objeto social. O linguista francês Antoine Meillet foi um deles, cujo pensamento acreditava que toda e qualquer variação linguística estava ligada a fatores sociais. Nessa mesma perspectiva, os soviéticos Nicholas Marr e Mikhail Bakhtin também discordavam das perspectivas saussurianas. Para o primeiro, as línguas são instrumentos de poder, refletindo a luta de classes sociais; para o segundo, a interação verbal é historicamente contextualizada, sendo a mudança linguística motivada pelas diferentes circunstâncias de uso da língua, de acordo com Coelho (2021).

Nessa perspectiva, em meados da década de 60, a ideia de associar a linguística a fatores externos ganha ainda mais força. Em virtude disso, novos pesquisadores (Uriel Weinreich, William Labov e Marvin Herzog) começaram a tratar a língua e a sociedade de maneira intrínseca. Em 1966, nos Estados Unidos, tais investigadores participaram do simpósio “Direções para a Linguística Histórica”, cuja discussão se deu em torno da mudança linguística e suas motivações sociais, objetivando propor fundamentos de estudo da mudança que considerassem fatores sociais, segundo Coelho *et al.* (2021). Sob essa ótica, é dado início a uma nova concepção de estudos da língua, a **sociolinguística**. Esses estudos surgiram da necessidade de um método que relacionasse a língua e o sujeito que a utiliza, conforme assegura Mollica (2007):

A sociolinguística(sic) é uma das subáreas da Linguística(sic) e estuda a língua em uso no seio das comunidades de fala, voltando a atenção para um tipo de investigação que correlaciona aspectos linguísticos(sic) e sociais. Esta ciência se faz presente num espaço interdisciplinar, na fronteira entre língua e sociedade, focalizando precipuamente os empregos linguísticos(sic) concretos, em especial os de caráter heterogêneo (p. 09).

Dessa maneira, a mudança linguística seria determinada, principalmente, por fatores sociais, fazendo com que a língua começasse a ser vista como um elemento de identidade social. No Brasil, não houve surgimento de nova corrente linguística, seja estruturalista ou sociolinguística, porém a maioria dos estudos dessa área, em nosso país, aconteceu aliado aos fatores extralinguísticos. Portanto, veremos, a seguir, como sucedeu o processo de constituição da língua portuguesa brasileira e a importância das variedades na construção de identidade de determinada região.

2.1 A constituição da língua portuguesa brasileira

Nos primeiros séculos de colonização, o Brasil não possuía grandes centros urbanos, mas sim uma extensa área rural. O português europeu foi a língua que se conservou nos centros de colonização litorâneos graças aos processos comerciais e culturais entre a colônia e a metrópole. Em contrapartida, no interior do território nacional, havia maior distanciamento do português europeu, haja vista que, nessas regiões, havia influências indígenas e africanas nos contatos com a população branca e mestiça, de acordo com Bortoni-Ricardo (2005).

Ainda nesse contexto, antes de os escravos serem trazidos ao território brasileiro, os indígenas já habitavam tal solo, os quais foram explorados como mão de obra no cultivo do pau-brasil e da cana-de-açúcar. A partir do século XVII, intensifica-se a presença de africanos escravizados no território brasileiro e o grande contingente dirigiu-se para o interior da colônia, onde tinham contato com índios e portugueses, propiciando, assim, o surgimento do *pidgin*², segundo Bortoni-Ricardo (2005), e acentuando a presença de fatores sociais na constituição linguística brasileira.

Dessa maneira, percebe-se que, mesmo com a colonização portuguesa em nosso país e a adoção da língua portuguesa como o idioma oficial brasileiro, não há como negar que ele sofreu influências de outros povos em sua formação. Dessa maneira, ter outra língua paralela ao português europeu, usada pelas camadas de classes inferiores, corrobora com esse pensamento. Em face disso, Lucchesi (2001, p. 104, grifos do autor) afirma que: “a língua que usavam era a *geral*, oriunda de uma língua franca, utilizada como língua de intercurso das tribos indígenas que, na época, habitavam a costa brasileira”. Logo, percebe-se que a polarização linguística, desde o início da colonização, é marcada, principalmente, pelos fatores sociais e econômicos, conforme estabelece o autor supracitado:

Assim sendo, no pólo(sic) das camadas médias e altas da sociedade brasileira, de um lado, pode-se perceber, nos primeiros séculos da história do Brasil, um comportamento lingüístico(sic) conservador de uma numericamente e bastante reduzida elite colonial, voltada para os padrões lingüísticos e culturais da metrópole. No pólo(sic) das camadas populares, de outro lado, ocorrem, desde os princípios da

² “Linguagens originárias da necessidade de comunicação forçada entre povos falantes de duas ou mais línguas diferentes. Desse contato, originalmente, surge o chamado pidgin, língua formada normalmente a partir de uma base (entenda-se por isso a língua de maior prestígio social, em geral a língua europeia) e geralmente composta de uma estrutura simples, adaptada apenas às necessidades de comunicação entre esses povos” (AMORIM, 2015, p. 23).

colonização, drásticas transformações lingüísticas(sic) decorrentes do extenso massivo e profundo contato do português com as línguas africanas. Esse contexto sociolingüístico(sic) propiciaria as condições para a ocorrência de processos de transmissão lingüística irregular, a partir da fixação forçada de milhões de africanos trazidos para o Brasil como escravos (LUCCHESI, 2001, p. 100).

Apesar dos fatores sociais contribuintes para a formação lingüística brasileira, sempre houve a corrente contrária, cujo pensamento baseava-se nas formas de prestígio do português europeu, sobretudo, nas altas camadas da sociedade, conforme observamos no pensamento de Lucchesi (2001). Além disso, no século XX, é dado início a mais um capítulo da história lingüística brasileira: a migração da população rural para as áreas urbanas. Em consequência disso, há o contato dos dialetos rurais com as formas consideradas de prestígio da norma culta das áreas urbanas, como afirma Bortoni-Ricardo (2005). Nesse viés, é a partir do encontro dessas duas formas antagônicas que acontece a estratificação social da população com base em seus dialetos, os quais apresentam diferenças que foram alvos de alguns gramáticos brasileiros, conforme salienta a autora:

A medida do prestígio e, conseqüentemente, da “correção” lingüística(sic) das variedades do português no Brasil sempre foi aferida em função de sua maior ou menor semelhança com a norma-padrão lisboeta consagrada pelos escritores portugueses. Os gramáticos brasileiros sempre aceitaram como inevitáveis as diferenças fonológicas e lexicais entre as duas normas, mas demonstraram e continuam a demonstrar, em muitos casos, indisfarçável relutância em aceitar as diferenças morfossintáticas (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 36).

Dessa forma, desde o início dos estudos que constituíram a sociolingüística até os dias atuais, é possível notarmos que o fator social se faz necessário aos estudos da língua. Apesar das línguas serem permeadas por fatores sociais, às vezes, esses fatores acabam sendo negados, propiciando, assim, um ambiente preconceituoso e negacionista em termos de variedades da língua. Nas seções seguintes, trataremos um pouco mais da heterogeneidade lingüística, através dos fatores extralingüísticos (sociais), tais como: a região em que o sujeito mora, o nível de escolarização do indivíduo, o sexo, a etnia, entre outros, e da importância desses fatores na identidade de uma região, por meio da língua — como exemplo, temos o estudo de Labov na ilha de Martha’s Vineyard em 1962.

3 A HETEROGENEIDADE E O PROCESSO DE IDENTIDADE SOCIAL DE UMA LÍNGUA

Como foi discutido na seção anterior, os fatores extralinguísticos foram determinantes no processo de constituição da sociolinguística, bem como, no processo sócio-histórico da língua portuguesa brasileira. Dessa maneira, trataremos, agora, das críticas tecidas por Labov à homogeneidade da língua e a seus estudos na ilha de Martha's Vineyard, os quais iniciaram os pressupostos acerca da identidade social que a língua pode assumir.

Os estudos acerca da língua, no final do século XIX e início do XX, a enxergavam como um sistema homogêneo e desarraigada de fatores sociais. Porém, as teorias desenvolvidas por Labov nos anos 60 criticavam a homogeneidade dos neogramáticos e dos estruturalistas, os quais entendiam que a variação acontecia por mero acidente. Para esse estudioso, a heterogeneidade é um dos “princípios centrais da Teoria da Variação e Mudança (TVM)” (COELHO *et al.*, 2021, p. 62). Vale lembrar que, apesar de a língua ser um sistema heterogêneo, ela seria um conjunto ordenado que comporta regras categóricas, mas, também, regras condicionadas por fatores externos, conforme estabelece a autora:

[...] mesmo apresentando diferenças, elas se entendem perfeitamente, e que isso é possível porque a língua é um sistema organizado, formado por regras categóricas e regras variáveis. Podemos dizer, portanto, que uma língua, ao mesmo tempo em que possui estrutura, também é dotada de variabilidade, ou seja, trata-se de um sistema heterogêneo (COELHO *et al.*, 2021, p. 59).

Não há como negar esse caráter heterogêneo da língua, principalmente, observando o processo sócio-histórico de constituição da língua portuguesa brasileira, cujos fatores foram condicionados, em grande medida, por razões sociais, marcando, assim, a identidade de nossa sociedade. Além do processo de formação da língua portuguesa usada em nosso país, vale lembrar que ainda há outros fatores sociais que influenciam para a heterogeneidade linguística, os quais se dividem em regras categóricas e agem dentro do sistema da língua, comportando regras inerentes ao sistema linguístico, condicionadas aos fatores externos, isto é, fora da língua. Em consonância a isso, Mollica (2007) defende que:

No conjunto de variáveis internas, encontram-se os fatores de natureza fono-morfossintáticos, os semânticos, os discursivos e os lexicais. Eles dizem respeito a características da língua em várias dimensões, levando-se em conta o nível significante e do significado, bem como os diversos subsistemas de uma língua. No conjunto de variáveis externas à língua, reúnem-se os fatores inerentes ao indivíduo (como etnia e sexo), os propriamente sociais (como escolarização, nível de renda, profissão e classe social) e os contextuais (como grau de formalidade e tensão discursiva) (p. 11).

Nesse contexto, podemos dizer que os fatores sociais estão, intimamente, ligados aos aspectos que propiciam a maneira de falar de uma determinada língua. Dessa forma, Mollica (2007) defende que a sociolinguística preza pela importância social da linguagem, bem como, dos grupos socioculturais, sejam eles grupos pequenos ou comunidades mais abrangentes. Dessa maneira, é na sociolinguística que observamos a identidade de uma região, a partir dos fatores linguísticos que os falantes de determinada localidade utilizam.

Em seu livro *Preconceito Linguístico*, Marcos Bagno apresenta uma série de mitos que precisam ser derrubados para aceitarmos as diferenças dentro de uma língua. Nesse contexto, o linguista destaca a diversidade presente na nossa língua e critica aqueles que adotam o mito da homogeneidade linguística, a exemplo de Darcy Ribeiro (*apud* BAGNO, 1999 p. 15):

É de assinalar que, apesar de feitos pela fusão de matrizes tão diferenciadas, os brasileiros são, hoje, um dos povos mais homogêneos lingüística(sic) e culturalmente e também um dos mais integrados socialmente da Terra. *Falam uma mesma língua, sem dialetos* [grifo meu, Folha de S. Paulo, 5/2/95].

Contudo, apesar dos esforços para ligar os estudos da língua com o caráter social dos indivíduos, ainda há inverdades assegurando que a língua é homogênea, reforçando alguns fatores que colaboram para a adoção única dos padrões cultos. Assim, tal adesão, muitas vezes, leva aos fatores de preconceitos com os dialetos que diferem da norma padrão, uma vez que essa problemática surge quando negamos as diferenças existentes na nossa sociedade. A seguir, veremos a importância que a variação linguística possui no processo de identidade de uma determinada região.

3.1 A língua como identidade

Em 1962, William Labov iniciaria uma pesquisa, a qual mostraria que as mudanças linguísticas, ocorridas na ilha de Martha's Vineyard, no estado de Massachussets (EUA), aumentariam, ainda mais, a perspectiva heterogênea da língua. Tal conclusão se deu a partir da demonstração de como os condicionadores extralinguísticos estariam fortemente ligados a uma importante característica social: a identidade de uma comunidade.

Por meio de questionários, de observações da fala dos habitantes da ilha em situações casuais e de situações de leitura acerca da primeira vogal nos ditongos /ay/ e /aw/, em

palavras como em *right* e *house*, Labov chegou à conclusão de que a identidade dos habitantes daquele local e daquela cultura era o fator que motivava a variação linguística. A prática da pesca vinha caindo de produção, enquanto a atividade turística aumentava cada dia mais, então, já que a pesca era uma atividade tradicional, havia habitantes que, para preservarem a identidade e a cultura local, centralizavam mais os ditongos /ay/ e /aw/ em detrimento daqueles habitantes que não se importavam com as mudanças culturais que a ilha estava passando, por conta da atividade turística que havia aumentado, e apresentavam, portanto, menor centralização dos ditongos ou simplesmente não apresentavam, de acordo com Coelho *et al.* (2021). Nessa perspectiva, a autora ainda defende que as diferentes formas que a língua pode assumir veiculam, entre outros fatores, significados sociais:

Vimos que as formas da língua não veiculam apenas seu significado referencial/representacional; elas denunciam em grande medida quem somos: a região de onde viemos, nossa idade, nossa inserção na cultura dominante, nossas atitudes em relação a determinados grupos... E nada mais adequado (e interessante!) que incorporar o seu valor do significado social das formas ao programa de estudos da Sociolinguística. Adicionamos, desse modo, mais um princípio a nossa lista: AS FORMAS DA LÍNGUA VEICULAM, ALÉM DE SIGNIFICADOS REFERENCIAIS/ REPRESENTACIONAIS, SIGNIFICADOS SOCIAIS (COELHO *et al.*, 2021, p. 65-66, grifos dos autores).

O processo de constituição do português brasileiro que utilizamos hoje foi bastante diversificado, mas há quem defenda, ainda, o uso de uma língua homogênea. Entretanto, a heterogeneidade linguística é inerente a nossa própria formação como povo e precisa ser admitida para podermos não apenas constituir pesquisas, mas assegurar nossa cultura e diminuir preconceitos e injustiças. Assim, o estudo de William Labov, apesar de percorrido seis décadas, acarreta lições bastante atuais acerca da língua e da cultura de um povo, haja vista que as variações existentes nessa pesquisa, nos mostram que a língua indica, em grande medida, nossa cultura e nossa identidade.

Nas seções seguintes, observaremos a sociolinguística educacional e o tratamento dado às diferenças linguísticas através do ensino básico, como também, o combate ao preconceito linguístico por meio de documentos oficiais de educação.

4 SOCIOLINGUÍSTICA EDUCACIONAL: A VARIAÇÃO E O PRECONCEITO LINGUÍSTICO EM SALA DE AULA

Até aqui, vimos que a língua é um instrumento de comunicação, inerentemente, ligada aos fatores sociais e que é heterogeneamente organizada. Além disso, observamos o processo sócio-histórico de constituição do português brasileiro, com as várias influências por que passou desde o início da colonização. Por fim, compreendemos, através dos estudos de William Labov, como a língua pode ser um elemento fundamental na construção da identidade de um lugar. Nesse cenário, se a Língua Portuguesa é disciplina obrigatória no ensino básico brasileiro, como as questões, anteriormente tratadas, desenvolvem-se em sala de aula?

Para Bortoni-Ricardo (2014, p. 158), a Sociolinguística educacional é o “esforço de aplicação dos resultados das pesquisas sociolinguísticas na solução de problemas educacionais e em propostas de trabalho pedagógico mais efetivas”. Essa área é responsável por fazer ligação entre a educação escolar e as pesquisas sociolinguísticas, a fim de proporcionar um estudo de língua que se preocupe não apenas com conteúdos gramaticais, mas que considere, também, a língua falada por todos os indivíduos, evitando a marginalização do sujeito por meio da língua.

Seguindo tal lógica, uma política de ensino que dê espaço para o fenômeno da variação linguística deve considerar, além dos métodos em consonância com normas e preceitos da educação, uma política de ensino sensível à realidade dos indivíduos. Para Coelho *et al.* (2021, p. 16), “A variação linguística é o processo pelo qual duas formas podem ocorrer no mesmo contexto com o mesmo valor referencial/representacional, isto é, com o mesmo significado”, dessa forma, pode ocorrer por fatores históricos, regionais, situacionais, sociais, por meio da idade, do sexo, entre outros. É, portanto, um fenômeno inerente às línguas, que necessita de atenção por parte de pesquisadores, de professores e de instituições de ensino.

Mediante essa questão, sabemos que a Sociolinguística educacional colabora para assegurar a assegurar o ensino de língua materna a partir desse paradigma, o da variação como identidade de um povo. Contudo, há, ainda, aquelas correntes que insistem em adotar a norma padrão como a única forma de comunicação existente, acreditando, assim, no princípio da homogeneidade linguística. O fato de possuímos o português como língua oficial brasileira não pode ser motivo para desconsiderar as variedades linguísticas aqui existentes. Nesse viés, a escola, apesar de ser o lugar em que a norma padrão precisa ser trabalhada, não

pode ser consubstanciada apenas nesse tipo de ensino. Nesse sentido, é necessário que a instituição escolar adote uma postura que assegure características regionais e locais em seus currículos, conforme esclarece a LDB, em seu artigo 26:

Art. 26- Os currículos do ensino fundamental e médio devem ter uma base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigidas pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e da clientela (BRASIL, 1996, n.p.).

Ademais, a escola adotar a postura tradicional do ensino de gramática, sem considerar as variedades populares, pode causar deficiências na educação, principalmente, na pública, a qual já possui grande desigualdade social. Diante disso, a sociolinguística contribui, através da adoção das variedades linguísticas em sala de aula, para um ensino que não cause marginalizações dos estudantes por meio da língua.

Além disso, a adoção de critérios rigorosos de ensino, além de ser didaticamente complexo para o estudante, pode causar ainda mais desigualdades por meio de evasões e repetências, haja vista que, quando isso ocorre, segundo Bortoni-Ricardo (2006, p. 22), tais alunos “abandonam a escola, passando a avolumar as estatísticas dos brasileiros que são analfabetos funcionais. As deficiências no sistema escolar, que provocam repetências e evasões, são diretamente proporcionais ao índice de desenvolvimento humano das regiões” e, dessa maneira, causam mais problemas sociais.

Nesse contexto, a escola precisa, também, ter a postura de ensinar língua conforme as diferenças linguísticas existentes em nosso país. Nesse viés, o ensino tradicional da gramática normativa é uma ferramenta da língua portuguesa, mas não pode ser o único foco de ensino. Além disso, o conhecimento das variedades não-padrão da língua é fundamental, haja vista que contribui para diminuir a marginalização dos estudantes, a partir de políticas de ensino que buscam não afastar o discente, mas sim proporcionar autoconhecimento ao indivíduo, cujas escolhas linguísticas marcam sua identidade na sociedade, conforme estabelece Bagno (1999, p. 18):

É preciso, portanto, que a escola e todas as demais instituições voltadas para a educação e a cultura abandonem esse mito da “unidade” do português no Brasil e passem a reconhecer a *verdadeira diversidade linguística(sic) de nosso país* para melhor planejarem suas políticas de ação junto à população amplamente marginalizada dos falantes das variedades não-padrão (grifos do autor).

Ademais, a adoção de uma única maneira de comunicação acaba levando o indivíduo e, por consequência, a sociedade a acreditar que as variedades linguísticas existentes são formas erradas de falar. Assim, esses critérios de certo e de errado, em termos linguísticos,

corroboram para a disseminação de preconceitos que a escola deve combater ao invés de propagar, como veremos no subtópico adiante.

4.1 Preconceito Linguístico

Nos últimos tempos, embora seja notório o engajamento para coibir alguns tipos de preconceitos ainda existentes no Brasil, a exemplo da Lei nº 9.459/1997³, o linguístico ainda é recorrente. Diante disso, é importante compreender que o preconceito precisa ser combatido ainda cedo na sociedade, e, por isso, deve estar presente nos currículos escolares, dado que a escola é um local adequado para se abordar tal problemática. Tal fato é importante, porque os vários tipos de preconceitos que ainda não são recepcionados pelas leis brasileiras só serão combatidos por meio de consciência e de respeito por parte da sociedade, que possuem como única solução a educação. Nesse cenário, destacamos a importância de lutar contra o preconceito linguístico, já que, segundo Bagno (1999, p. 13),

Parece haver cada vez mais, nos dias de hoje, uma forte tendência a lutar contra as mais variadas formas de preconceito, a mostrar que eles não têm nenhum fundamento racional, nenhuma justificativa, e que são apenas o resultado da ignorância, da intolerância ou da manipulação ideológica. Infelizmente, porém, essa tendência não tem atingido um tipo de preconceito muito comum na sociedade brasileira: o *preconceito lingüístico*(sic) (grifos do autor).

Dessa maneira, podemos perceber que o preconceito linguístico ainda passa despercebido em nossa sociedade. O fato de alguém falar diferente do que prescreve a norma padrão não pode ser objeto de discriminação e, por isso, a escola possui dever fundamental de combater esse tipo de preconceito por meio da educação escolar. A Base Nacional Comum Curricular — BNCC — (BRASIL, 2018) é um importante documento que objetiva normatizar as competências e as habilidades necessárias aos alunos durante as etapas da educação básica. Este documento encontra-se dividido em áreas de conhecimento, dentre tais destacamos a área de Linguagens e Suas Tecnologias, a qual apresenta habilidades para o Ensino Médio que versam sobre o tema da Variação Linguística como forma de compreensão da língua e o combate ao preconceito linguístico no ambiente escolar. A saber:

³A Lei em questão define que os crimes advindos de discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional serão punidos com pena de reclusão de um a três anos e multa. Disponível em <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19459.htm>.

(EM13LP10) Analisar o fenômeno da variação linguística, em seus diferentes níveis (variações fonético-fonológica, lexical, sintática, semântica e estilístico-pragmática) e em suas diferentes dimensões (regional, histórica, social, situacional, ocupacional, etária etc.), de forma a ampliar a compreensão sobre a natureza viva e dinâmica da língua e sobre o fenômeno da constituição de variedades linguísticas de prestígio e estigmatizadas, e a fundamentar o respeito às variedades linguísticas e o combate a preconceitos linguísticos (BRASIL, 2018, p. 508).

Contudo, alguns educadores ainda insistem em fazer do ensino de língua um momento para tratar apenas de normas gramaticais sem se atentar às diferentes variedades linguísticas que os alunos trazem para a sala de aula. É importante salientar que a norma padrão precisa ser conhecida pelos estudantes, mas não pode ser usada como única forma do ensino de Língua Portuguesa. Outro fato importante é que a norma padrão não deve ser usada como instrumento de preconceito entre classes e, no ambiente educacional, o professor possui papel fundamental nesse quesito. Porém, o preconceito linguístico é um problema antigo que, muitas vezes, era disseminado por quem deveria combatê-lo, conforme salienta Bortoni-Ricardo (2004, p. 25):

Me ocorre, neste momento, o depoimento de um colega, professora de séries iniciais. Ela se lembra de um grande constrangimento em sua infância, quando, recém-chegada da zona rural da Paraíba, apontou para uma palavra no quadro de-degiz e perguntou à professora: “Que palavra é aquela lá em riba?” Ao ouvir isso, a professora a ridicularizou em frente dos colegas.

Como podemos observar, o preconceito linguístico necessita de atenção da educação básica brasileira, logo, é imprescindível que os currículos escolares adotem esse tema em sala de aula e, a partir disso, busquem erradicar o preconceito linguístico, visto que ele ainda está presente em nossa sociedade e a escola possui o dever fundamental de combatê-los desde cedo. No entanto, as discriminações acerca da língua ainda são tratadas de modo pouco aprofundado em nosso ensino básico — momento que seria propício para apresentar ao estudante em formação os valores sociais e o combate às discriminações de qualquer natureza. Assim, a adoção da postura de ensino que valorize as variedades linguísticas corrobora para a identidade de uma sociedade através do conhecimento das diferenças que, aliado ao combate aos preconceitos, inclusive o linguístico, colabora para uma futura sociedade mais justa e solidária, a qual só a educação pode proporcionar. Nesse capítulo discorreremos acerca do percurso dos estudos linguísticos até a afirmação da sociolinguística, discorreremos também sobre a identidade da língua como uma questão de identidade linguística a partir de sua heterogeneidade e, por fim, acerca da questão do preconceito e da variação linguística. No próximo capítulo, apresentaremos a metodologia de nossas ações.

5 METODOLOGIA

A presente pesquisa trata-se de um trabalho de campo de natureza qualitativa e interpretativa, haja vista o objetivo geral de analisar como o tema da variação linguística e do preconceito linguístico estão presentes em documentos que compõem o currículo de escolas públicas da rede estadual de ensino do município de Mari-PB. Nesse viés, para Bortoni-Ricardo (2008, p. 34) “a pesquisa qualitativa procura entender, interpretar fenômenos sociais inseridos em um contexto”. Dessa maneira, o uso dessa abordagem se justifica pelo fato desse tipo de pesquisa ser o meio mais adequado para a análise de condutas que valorizem o ensino, que diminua as diferenças sociais e reconheçam a identidade dos indivíduos através da língua, procurando diminuir os preconceitos e discriminações.

Devido a tais fatores, desenvolvemos um estudo de caráter documental, no qual serão comparados os métodos, as atividades, as fontes de pesquisa e a importância dada à variação linguística no currículo escolar, tendo como base autores da área de ensino linguístico. Além disso, será analisada, também, a presença ou a ausência do tema preconceito linguístico, utilizando-se da análise interpretativa de metodologias que corroborem ou não para um ensino de língua que combata estigmas, exclusões sociais, homogeneidade linguística e proporcionem espaço para a identidade através da língua em seus currículos escolares.

5.1 Instrumentos utilizados na pesquisa

O *corpus* da pesquisa trata-se do guia de aprendizagem da Escola Cidadã Integral (ECI) — documento que contém o currículo escolar elaborado pelos professores de Língua Portuguesa da escola — e do plano de curso da escola de Ensino Regular, semelhante ao guia de aprendizagem da escola integral, ambos referentes ao 1º ano do ensino médio. Trata-se, também, de documento que contém o currículo escolar e, da mesma forma que o guia de aprendizagem, é elaborado pelos professores. Com base nisso, esses documentos serão examinados através de sete critérios, escolhidos com o intuito de verificar qual a importância dada ao tema variação linguística no currículo escolar e refletir sobre possíveis influências nas práticas educacionais utilizadas para o combate ao preconceito, sobretudo o linguístico.

Vale ressaltar que o Projeto político Pedagógico (PPP) é um dos principais documentos de uma escola, o qual precisa ter a participação de professores, pais e alunos em

sua constituição, visando sempre à participação da comunidade no processo de ensino. No entanto, no PPP da escola de Ensino Regular não foi encontrado o currículo escolar, visto que tais conteúdos estão contidos em um documento à parte, o Plano de Curso, cujo conteúdo será objeto de nossa análise. No que se refere à ECI, o PPP encontrava-se desatualizado e seria disponibilizado apenas quando fosse reformulado, mas, devido aos procedimentos para tal reformulação, a escola não o disponibilizou em tempo hábil. Ademais, o currículo de tal escola encontra-se, também, em um documento à parte, o Guia de Aprendizagem, o qual também será objeto de nossa análise. Logo, os resultados dessa pesquisa ficarão restritos ao Guia de Aprendizagem da ECI⁴ e ao Plano de Curso da escola de Ensino Regular (ANEXO B), pois são os documentos que compõem o currículo de ambas escolas. A seguir, detalharemos a origem de tais documentos.

O Guia de Aprendizagem é um documento elaborado pelos docentes da ECI, em que são reunidos os conteúdos a serem abordados em determinado bimestre. Esse documento reúne, ainda, as atividades desenvolvidas, as fontes de pesquisa, os temas transversais, os objetivos e os critérios de avaliação. Em termos práticos, se o PPP possui diretrizes, princípios, valores e metas, o Guia de Aprendizagem orienta, pedagogicamente, atividades, fontes de consulta da disciplina e o currículo a ser seguido nos componentes curriculares, conforme estabelecem as *Diretrizes Operacionais das Escolas Cidadãs Integrais, Escolas Cidadãs Integrais Técnicas & Escolas Cidadãs Integrais Socioeducativas da Paraíba*:

Guia de Aprendizagem é um recurso que se destina a orientar processos de planejamento e de acompanhamento pedagógico, de maneira objetiva, à luz dos Eixos Formativos, em três âmbitos distintos, em um ciclo bimestral:

Junto ao(a) professor(a): para o planejamento e desenvolvimento das atividades pedagógicas da disciplina que ele(a) ministra. Junto ao(à) estudante: para apoiar o desenvolvimento da capacidade de autorregulação da sua aprendizagem, pois fornece informações sobre os componentes curriculares (objetivos, atividades didáticas e autodidáticas, fontes de consulta etc.), que eles(as) necessitarão para criar os seus próprios mecanismos de planejamento de estudos. Junto às famílias: para complementar os mecanismos de comunicação de que a escola já dispõe e apoiá-las no acompanhamento de ensino/aprendizagem dos(as) estudantes. Nesse sentido, o Guia de Aprendizagem inova ao ser, simultaneamente, um recurso que atende a três níveis distintos desse processo de formação (professores(as), estudantes e famílias) e articula planejamento e comunicação, monitoramento e cumprimento do currículo, dimensões fundamentais nos mecanismos de melhoria contínua dos processos pedagógicos (PARAÍBA, 2021, p. 60).

A escolha por esse documento se explica por ser o principal registro dos conteúdos a serem abordados pela disciplina de Língua Portuguesa da referida escola no primeiro bimestre do 1º ano do Ensino Médio. Com base nisso, esse escrito traz, também, as atividades, as

⁴ Tal documento é indicado pelas diretrizes operacionais da Secretaria de Educação Estadual, disponível nas referências.

fontes de pesquisa do estudante e do professor, os valores trabalhados em sala de aula e os objetivos a serem alcançados. Esse arquivo foi escolhido pelo fato de conter o tema variação linguística, proporcionando a chance de analisá-lo acerca de como tal conteúdo será abordado à luz das teorias que tratam do tema em questão. Além disso, como veremos na sessão de análise, é o documento que nos garantirá se o tema preconceito linguístico encontra-se presente ou ausente.

Já o Plano de Curso é um documento elaborado pelos professores das escolas regulares. Vale ressaltar que não foi possível encontrar respostas sobre alguma normatização desse documento. Como dito anteriormente, esse escrito foi escolhido por compor o currículo escolar e nele estar contido, além dos conteúdos, metodologias a serem abordadas, atividades a serem realizadas, recursos utilizados, métodos avaliativos e objetivos a serem alcançados. Portanto, esse arquivo constitui a principal peça a ser analisada para fins de conhecer como a escola trata os temas variação linguística e preconceito linguístico.

5.2 Características das escolas

A presente pesquisa aconteceu em duas escolas estaduais, localizadas no município de Mari, zona da mata paraibana, sendo uma escola com Educação Regular e Ensino de Jovens e Adultos (EJA) e outra cidadã integral. Nas duas escolas, os documentos analisados são referentes ao 1º ano do Ensino Médio.

A escola de Ensino Regular e EJA possui alunos com a faixa etária a partir dos 13 anos para o ensino regular, já os alunos do EJA a partir dos 16 anos, sendo estes alunos que trabalham durante o dia e, à noite, frequentam a escola. No corrente ano, a instituição possui 870 alunos matriculados, sendo mais da metade pessoas que vivem da renda de programas sociais do governo federal como meio de complementação da renda ou como único meio disponível. O corpo docente da escola, na disciplina de Língua Portuguesa, é composto por quatro professores com curso superior em Letras Português, sendo um desses com especialização em supervisão e orientação escolar e dois com especialização em fundamentos

da educação⁵. Esse tipo de informação ainda é administrado pela escola, haja vista não ser ECI como a outra.

A Escola de Ensino Integral possui estudantes com faixa etária entre 15 e 19 anos, que frequentam as aulas apenas durante o dia. O corpo docente relativo à disciplina de Língua Portuguesa é composto por um professor e uma professora que dividem as turmas entre si. A professora de Português possui pós-graduação na área de redação e oratória, além de estar cursando o mestrado pelo PROFLETRAS, convênio da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) com a Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), na linha de pesquisa de literatura com foco no cordel em sala de aula. Já o professor da disciplina em questão possui especialização em ensino de línguas e literatura na educação básica. Quanto ao quantitativo de estudantes da escola, não foi possível obter uma informação concreta, haja vista não haver o contato com o PPP, bem como, pelas ECIs serem administradas pela secretaria de educação, situação que dificulta o acesso aos dados, segundo a professora.

5.3 Procedimentos adotados

Para a realização dessa pesquisa documental, foram feitas visitas às duas escolas, visando consultar os documentos anteriormente mencionados. Nas duas instituições de ensino, foi mantido contato com os gestores escolares, que não obstaculizaram acesso aos documentos, com exceção do PPP da ECI, e nos permitiram, também, o contato com os professores da disciplina de Língua Portuguesa. Na escola de Ensino Regular, foram feitas três visitas para acesso aos arquivos, mas não foi mantido contato pessoal com a professora de Língua Portuguesa, apenas por redes sociais e por um aplicativo de mensagens. Na ECI, o gestor apresentou o professor de Língua Portuguesa, o qual mostrou o guia de aprendizagem e explicou sobre como seria realizado as aulas a partir desse documento com o tema variação linguística.

Dessa maneira, em um primeiro momento, já com os documentos disponibilizados, foi analisado o PPP da escola de Ensino Regular (ANEXO A), com o intuito de encontrar, em sua estrutura, seções que abordem o currículo escolar e, dessa maneira, analisar o tratamento dado a variação linguística. Já o PPP da ECI encontrava-se desatualizado e, por tal motivo, não foi

⁵ As informações acerca da escola de Ensino Regular foram baseadas no conteúdo do PPP da instituição em questão.

disponibilizado. Todavia, como dito anteriormente, o currículo das escolas encontra-se fora da estrutura dos PPPs.

Em seguida, foram examinados os documentos que, de fato, contêm os currículos escolares. No que diz respeito ao Guia de Aprendizagem (ANEXO C), foram analisadas as atividades desenvolvidas, as fontes de referência para o professor e para o estudante, os valores trabalhados e os objetivos específicos a serem alcançados. Do plano de curso (ANEXO B), foram examinados o objetivo geral, os objetos de conhecimento, as habilidades a serem desenvolvidas, a metodologia de ensino e os critérios de avaliação.

Neste capítulo conhecemos os métodos adotados para a análise dos currículos das escolas, conhecemos também quais os documentos que compõe tal currículo, além de discorrermos sobre a formação dos professores destas escolas e como se deu o acesso a esses documentos. Em face ao exposto, no próximo capítulo, discorreremos sobre resultados e discussões acerca do tema.

6 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A análise do Guia de Aprendizagem e do Plano das escolas (documentos que compõem o currículo das suas escolas) tem como objetivo compreender o espaço e o tratamento dado à variação e ao preconceito Linguístico em sala de aula. Segundo Moreira e Silva (1994, p. 7-8) “O Currículo não é um elemento inocente e neutro de transmissão desinteressada do conhecimento social. [...] o currículo transmite visões sociais particulares e interessadas, o currículo produz identidades individuais e sociais Particulares”. Assim, o currículo escolar deve concordar com a realidade dos alunos, cujas características regionais, culturais e locais devem ser contempladas, conforme assegura a LDB.

Nesse sentido, na análise desses documentos, torna-se necessário conhecer as demandas dos estudantes do Ensino Médio no que diz respeito ao ensino de Língua Portuguesa e, sobretudo, às concepções sociolinguísticas. Torna-se primordial, também, conhecer o espaço dado à variação e ao preconceito linguístico, bem como, o tratamento dado, nos currículos escolares, a esses importantes conteúdos que, muitas vezes, são fatores de preconceitos sociais. Para tanto, buscaremos critérios que vão desde a garantia da abordagem (ou não) de tais temas até às propostas de atividades e de avaliações desenvolvidas pelos educadores, buscando nos critérios abordados metodologias, reflexões e propostas de ensino, que busquem diminuir e, conseqüentemente, erradicar os estigmas linguísticos que são instrumentos de exclusão social tantas vezes. Nessa direção, buscaremos respostas às indagações presentes no quadro abaixo:

Quadro 1 – Critérios utilizados para análise do Doc1 e o do Doc2

1. Há a presença do tema variação linguística?
2. Há a presença do tema preconceito linguístico?
3. Há espaço para as variedades linguísticas dos alunos e da comunidade na qual estão inseridos?
4. Há a propostas de conscientização das noções de “certo” e de “errado” na Língua Portuguesa?
5. Existe detalhamento dos aspectos metodológicos quanto ao tema?
6. Há propostas de materiais complementares e de referências bibliográficas utilizadas para a abordagem do tema?
7. Há propostas de atividades e de avaliações com o tema?

Fonte: Elaborada pelo autor (2022)

Vale lembrar que os PPPs não serão objetos de análise, dado que o documento da Escola Regular não contempla o currículo escolar, limitando-se a aspectos técnicos da escola, enquanto o PPP da ECI não foi disponibilizado em tempo hábil. Ademais, conforme dito nos procedimentos metodológicos, o currículo escolar de ambas escolas se encontra em documentos à parte: Guia de aprendizagem (ECI) e o Plano de Curso (Escola Regular), os quais denominaremos de Doc1 e Doc2, respectivamente.

6.1 Análise dos documentos escolares

Nessa parte, apresentaremos pontos relevantes dos documentos (Doc1 e Doc2), enfatizando a relação entre os escritos e as temáticas da variação linguística e do preconceito linguístico. A partir disso, perceberemos se as escolas escolhidas — ECI e Ensino Regular da cidade de Mari-PB — dão espaço (ou não) para esses conteúdos importantes nas aulas de Língua Portuguesa, seguindo a ordem de critérios estabelecida no Quadro 1.

6.1.1 Há a presença do tema variação linguística?

No Doc1, podemos constatar que há menção ao tema variedades linguísticas, todavia não encontramos essa temática na parte destinada aos conteúdos que serão abordados em tal bimestre. Conforme vimos na seção teórica, variação linguística é um fenômeno das línguas pelo qual duas formas, com o mesmo valor e com o mesmo significado, manifestam-se de maneira diferente, já o termo variedade linguística significa a fala característica de determinado grupo, conforme os pensamentos de Coelho *et al.* (2021). Nessa perspectiva, enquanto a variação é gênero, a variedade é espécie. Portanto, podemos perceber que, ou o fenômeno da variação linguística não será objeto de estudo nessa escola, delimitando-se a estudar apenas as variedades linguísticas existentes em certos grupos, isoladamente, ou o termo variedade foi empregado no lugar de variação, conforme podemos observar na figura abaixo:

Figura 01 – Conteúdos disponíveis no Doc1 a serem abordados no 1º bimestre

ATIVIDADES DIDÁTICAS – CONTEÚDO
<p>Língua e linguagens</p> <ul style="list-style-type: none"> ➤ Breve história da língua portuguesa ➤ Conceito de língua e linguagem; ➤ Variedades linguísticas; <p>Literatura</p> <ul style="list-style-type: none"> ➤ Introdução à literatura: gêneros literários ➤ Trovadorismo: as cantigas medievais <p>Autoconhecimento e escolha</p> <ul style="list-style-type: none"> ➤ Fazendo um perfil ➤ Experimentando ser entrevistador

Fonte: ECI (com adaptações)

Segundo essa discussão e partindo do pressuposto de que, de fato, a ECI aborde o tema variedades linguísticas, estaremos diante de uma abordagem fragmentada, pois, como dito anteriormente, variedade refere-se à fala de determinados grupos sob critérios de gênero, grau de escolarização, profissão, entre outros. Se partirmos da conjectura que variedade foi empregado no lugar de variação linguística, estamos diante de uma escola que aborda conceitos básicos em desacordo. Porém, quaisquer das situações evidenciam um tratamento pouco aprofundado sociolinguístico.

Já no Doc2, há presença do termo variação linguística, que se encontra como conteúdo relativo ao 4º bimestre do 1º ano do Ensino Médio. A BNCC está dividida em quatro eixos organizadores correspondentes às práticas de linguagens, os quais são: Oralidade, Leitura/Escuta, Produção de Textos e Análise Linguística/Semiótica e, nesse documento, podemos perceber que o referido tema se encontra dentro do último eixo, conforme nos mostra a figura a seguir:

Figura 02 – Conteúdos disponíveis no Doc2 a serem abordados no 4º bimestre

Competências da BNCC	(EM13LP11)
4º BIMESTRE	
Conteúdo: Análise linguística/Semiótica	
Fono-ortografia	
Morfossintaxe	
Coesão	
Variação linguística	
Construção composicional Elementos paralinguísticos e cinésicos	
<ul style="list-style-type: none"> • Composição (por aglutinação e justaposição) • Hibridismo 	

Fonte: Escola de Ensino Regular

No que se refere a essa questão, a Análise Linguística é uma investigação a respeito da comunicação verbal, das palavras, da interpretação do texto além do significado e da estrutura. Desse modo, podemos dizer que, dentro desse eixo, há a abordagem de um ensino de língua em sua totalidade e funcionalidade, ou seja, que vai além da estrutura gramatical, como destaca Geraldi (2011, p. 62):

A análise lingüística(sic) inclui tanto o trabalho sobre questões tradicionais da gramática quanto questões amplas a propósito do texto, entre as quais vale a pena citar: coesão e coerência internas do texto; adequação do texto aos objetivos pretendidos; análise dos recursos expressivos utilizados (metáforas, metonímias, paráfrases, citações, discursos direto e indireto, etc.); organização e inclusão de informações; etc. Essencialmente, a prática de análise lingüística não poderá limitar-se à higienização do texto do aluno em seus aspectos gramaticais e ortográficos, limitando-se a “correções”. Trata-se de trabalhar com o aluno o seu texto para que ele atinja seus objetivos junto aos leitores a que se destina.

No que se refere à semiótica, veremos o entendimento dos símbolos e dos significados. Para Santaella (2007), a semiótica é a ciência que tem por objeto de investigação todas as linguagens possíveis, ou seja, examina os “modos de constituição de todo e qualquer fenômeno como fenômeno de produção de significação e sentido” (p. 13). Nesse cenário, trabalham-se não apenas textos verbais, mas também textos multissemióticos, isto é, todos os tipos de materiais em que há a comunicação, a exemplo de desenhos, músicas, filmes, comentários de internet, entre muitos outros.

Acerca disso, a abordagem do tema variação linguística no Doc2, dentro da prática de Análise Linguística, constitui uma grande inovação, pois, nesse sentido, há a perspectiva de que a variação será estudada para além da mera estrutura de uma palavra ou de uma frase. Tal perspectiva corrobora para um ensino de língua que trate das funcionalidades que as variedades linguísticas constituem numa comunidade, como a identidade, a cultura e a história, proporcionando um ensino de língua real, conforme destaca Clerisi (2021, p. 248):

Sob essa lógica, acreditamos que a *prática de análise linguística* (PAL) ou *análise linguística* (AL) como prática de linguagem para o ensino de Língua Portuguesa adequa-se à abordagem enunciativodiscursiva, uma vez que, de forma inovadora, possibilita que o ensino se dê a partir do sujeito, enquanto protagonista desse cenário, diante de suas especificidades sociais, históricas, culturais, axiológicas. Além disso, essa abordagem segue pautada no uso da linguagem, evidenciando a relevância de uma linguagem que é real e situada, por meio da qual os indivíduos interagem (grifos da autora).

Portanto, enquanto no Doc1 vemos uma inadequação dos conceitos de variedade/variação linguística dentro do estudo de língua, no Doc2 temos um tratamento diferente, haja vista ter uma abordagem dentro do eixo de Análise Linguística/Semiótica. No

entanto, percebemos que no primeiro documento há indícios de um comportamento mais conceitual ao abordar os conceitos de língua e linguagem e a história da língua. Já no Doc2, notamos, perante ao eixo análise linguística, um tratamento mais funcional, o que só poderá ser constatado com a análise dos critérios a seguir.

6.1.2 Há a presença do tema preconceito linguístico?

Ainda com base na Figura 01 e na Figura 02 do item anterior, em que se encontram os conteúdos dos Doc1 e Doc2, podemos perceber que nos dois documentos não há menção ao tema preconceito linguístico, como também, não existem mecanismos mostrando que tal tema será abordado em sala de aula. Dessa maneira, podemos constatar que a abordagem do referido conteúdo ficará a critério de cada professor de Língua Portuguesa. Nas seções seguintes, perceberemos, também, que o tema em questão não encontrará espaço na metodologia, nas atividades, nem em outro lugar do documento.

Os documentos analisados não são, de fato, a comprovação se, na prática, a variação e o preconceito linguístico são abordados e de que forma são trabalhados, mas a omissão e relativização desses temas dão indícios de como tal abordagem acontecerá na sala de aula. Como se sabe, a ausência do referido tema não é de hoje e, com isso, a escola perde a oportunidade de tratar de questões de preconceitos em ambiente escolar. Semelhante estudo fez Lima (2016) ao abordar a presença ou ausência do tema preconceito linguístico, em livros didáticos de Língua Portuguesa para o Ensino Médio do ano de 2009:

Deve ser necessário, portanto, que análises de livros didáticos de português não apenas incluam o tema do preconceito linguístico, mas o façam com ênfase. Podemos exemplificar a importância desse trabalho considerando-se o seguinte levantamento: das 24 coleções analisadas no Guia de livros didáticos (Brasil, 2009), somente em quatro delas há menção ao tema do preconceito linguístico. Dessas quatro, duas são analisadas de forma favorável e duas de forma desfavorável, apontando que o trabalho sobre preconceito linguístico não está diretamente exposto no livro didático e deve ser realizado pelo professor. Tamanha ausência de preocupação com esse tema, portanto, merece que pesquisadores a denunciem, realizando análises mais completas desses livros (LIMA, p. 129, 2016).

No que se refere a tal questão, a ausência de métodos de ensino que abordem sobre preconceitos precisa ser revista pelas escolas. Segundo Coelho *et al.* (2021), “A escola brasileira precisa ser porta-voz da luta contra o preconceito linguístico tão arraigado ainda em

nossa sociedade e que redundam em atitudes de intolerância e exclusão social”. Embora haja o destaque do engajamento da luta contra os preconceitos entre a população, entre a mídia, universidades, etc., o preconceito linguístico ainda parece ser invisível para a sociedade, incluindo muitas instituições de ensino. Ademais, os preconceitos estão juntos das injustiças sociais, de modo intrínseco, e o papel da escola e, sobretudo, o do professor, é de utilizar meios de diminuir as diferenças por meio da erradicação desses preconceitos e injustiças através da língua:

[...] falar da língua é falar de política, e em nenhum momento esta reflexão política pode estar ausente de nossas posturas teóricas e de nossas atitudes práticas de cidadão, de professor e de cientista. Do contrário, estaremos apenas contribuindo para a manutenção do círculo vicioso do preconceito lingüístico(sic) e do irmão gêmeo dele, o círculo vicioso da injustiça social (BAGNO, p. 72, 1999).

Mediante essa questão, qualquer tipo de preconceito precisa ser combatido, mas o modo como muitos concebem a língua portuguesa abre espaço para discriminações acerca da língua, afinal, não é difícil ver em filmes, programas de TV e novelas personagens com dialetos diferentes de determinadas regiões sendo alvo de preconceito linguístico, conforme aponta Bagno (1999). Nesse contexto, o preconceito linguístico é uma vertente dos preconceitos existentes em nossa sociedade e, assim, ausentar-se de abordá-lo no âmbito escolar é prejudicial

6.1.3 Há espaço para as variedades linguísticas dos alunos e da comunidade na qual estão inseridos?

No Doc1, dentro do conteúdo de língua, junto aos conceitos sobre língua, linguagem e origem da língua portuguesa, há o tema variedades linguísticas. Conforme já tratado no subtópico 4.1.1 dessa análise, tal conceito encontra-se de maneira pouco aprofundada e pouco explicada, haja vista que o documento não oferece clareza quanto à variedade linguística abordada (variedade geográfica, culta, de gênero, etc.). Além disso, há evidências de que o termo variedade esteja sendo utilizado no lugar de variação. Já no Doc2, não tem espaço ou indicativos de que haja dedicação a alguma variedade linguística local. No entanto, a escola precisa mostrar para o estudante as diversas variedades, sobretudo as locais, pois, ao

conhecer, ainda na escola, os diversos dialetos, inclusive a norma culta, há aumento de sua competência comunicativa. A saber:

O papel da escola, então, não é o de ensinar a variedade vernacular ao aluno, e sim de expor a ele outras variedades da língua, a variedade dos amigos, dos pais, de pessoas de outras regiões e confrontá-las com a norma culta, falada e escrita, que deve ser usada em determinadas situações comunicativas (COELHO *et al.*, 2021, p. 148).

Ademais, o conhecimento das variedades, inclusive as locais, pode proporcionar a conscientização sobre as diferenças, ao mostrar que nem todos os indivíduos são ou falam de formas iguais. Para Coelho *et al.* (2021, p. 148), os diversos tipos de variedades existentes “devem ser apontados, descritos e discutidos pela escola, para que o aluno tenha conhecimento dos fenômenos variáveis, das regras linguísticas que regem a variação e dos preconceitos relativos ao uso da língua”. Assim, conhecer as variedades linguísticas corrobora para a erradicação de preconceitos linguísticos.

Nesse sentido, dar lugar as variedades do alunado proporciona, também, identificação dentro de sua comunidade. Para Bagno (1999, p. 144), “Ensinar para o bem significa respeitar o conhecimento intuitivo do aluno, valorizar o que ele já sabe do mundo, da vida, reconhecer na língua que ele fala a sua própria identidade como ser humano”. Além disso, num país repleto de desigualdades, a omissão de seus dialetos é um fator que pode contribuir para a perpetuação dessas diferenças, e combatê-las através do currículo escolar torna-se indispensável, conforme assegura a BNCC:

No Brasil, um país caracterizado pela autonomia dos entes federados, acentuada diversidade cultural e profundas desigualdades sociais, os sistemas e redes de ensino devem construir currículos, e as escolas precisam elaborar propostas pedagógicas que considerem as necessidades, as possibilidades e os interesses dos estudantes, assim como suas identidades linguísticas, étnicas e culturais (BRASIL, p. 15, 2018).

Dessa maneira, como vimos no capítulo 2, sobre a ilha de Martha’s Vineyard no estado de Massachussets (EUA), a língua proporciona um significado representacional, veicula nossa cultura, quem somos, nossa região, enfim, nossa identidade, como expõe Coelho *et al.* (2021). Portanto, acerca da abordagem de variação linguística em sala de aula, é indispensável o conhecimento sobre as variedades locais, uma vez que se trata de uma escola nordestina no interior da Paraíba, região ainda vítima de muitos preconceitos.

6.1.4 Há propostas de conscientização das noções de “certo” e de “errado” na Língua Portuguesa?

No Doc1, não existe, taxativamente, a orientação sobre o tratamento das noções de “certo” ou de “errado”, no entanto, há indícios de que haverá esforço para a compreensão de variações linguísticas e suas funções através da oralidade, conforme podemos observar na figura 3, que elenca os objetivos específicos daquele bimestre. Salientamos que esse critério da pesquisa não se trata de procurar, estritamente, se no documento existem conceitos sobre “certo” e “errado”, mas observar como tais conceitos são, objetivamente, construídos nos saberes dos alunos das escolas pesquisadas.

Figura 3 – Objetivos específicos a serem alcançados durante o bimestre

OBJETIVOS ESPECÍFICOS
<ul style="list-style-type: none"> ➤ Conhecer os conceitos de língua e linguagem para compreender o uso da oralidade em suas funções e variações. ➤ Identificar os diversos gêneros do discurso por meio dos textos literários numa leitura compartilhada. ➤ Conhecer e compreender a importância da literatura no aspecto sociocultural para formação do senso-crítico do ser humano. ➤ Propiciar momentos de debate e reflexões sobre os gêneros literários. ➤ Mostrar a estrutura da formação das partes do poema e sua relevância na construção da escrita e da fala. ➤ Orientar na produção dos poemas e na construção dos textos teatrais. ➤ Auxiliar na leitura e interpretação de gêneros diversos utilizando o nivelamento

Fonte: ECI

Como podemos observar na figura acima, o primeiro objetivo específico do bimestre, frente à variação linguística, aborda a compreensão do uso da oralidade em suas funções e variações. Para Marcuschi (2001, p.25), “[...] a oralidade seria uma prática social interativa para fins comunicativos que se apresenta sob várias formas ou gêneros textuais fundados na realidade sonora; ela vai desde uma realização mais informal à mais formal nos mais variados contextos de uso”. Dessa maneira, podemos notar que a oralidade assume não apenas o viés formal através de linguagem padrão, como também, formas coloquiais no cotidiano. Por isso, abordá-la do ponto de vista funcional, através das variações, constitui um avanço no ensino de

Língua Portuguesa, visto que cria a oportunidade para abandonar o mito de que existe apenas uma forma “correta” de falar, conforme defende Brasil (1998 *apud* BAGNO, 1999, p. 74):

Para cumprir bem a função de ensinar a escrita e a língua padrão, a escola precisa livrar-se de vários mitos: o de que existe uma forma “correta” de falar, o de que a fala de uma região é melhor do que a de outras, o de que a fala “correta” é a que se aproxima da língua escrita, o de que o brasileiro fala mal o português, o de que o português é uma língua difícil, o de que é preciso “consertar” a fala do aluno para evitar que ele escreva errado.

Já no Doc2, não existe, também, a abordagem sobre noções de certo e de errado tampouco aspectos que diferenciem norma-padrão, norma culta e norma coloquial serão abordados durante o bimestre frente ao tema variação linguística. Na verdade, visualizamos aspectos que ressaltam que a abordagem dos conteúdos do bimestre priorizará a norma padrão, como mostra o segundo objetivo geral, ao defender o aprimoramento da leitura através de pontuação, o sexto, ao pontuar a necessidade de escrever diversas versões de uma redação para atingir o seu potencial de texto bem produzido, e o sétimo, ao defender a utilização dos padrões de escrita com desenvoltura, como vemos na figura abaixo:

Figura 4 – Objetivos a serem alcançados durante o ano letivo

OBJETIVO GERAL
-Desenvolver habilidades de leitura, compreensão, interpretação e produção de textos multimodais ou multissemióticos que <u>circulam nos</u> diversos campos da atividade humana;
-Aprimorar a leitura oral, exercitando-a a partir de orientações sobre pontuação, entonação e ênfase;
-Debater temas propostos pelos textos e desenvolver habilidades de expressão e argumentação orais;
-Comparar textos, buscando semelhanças e diferenças quanto às ideias e à forma;
-Utilizar a linguagem escrita, quando for necessário, como apoio para registro, documentação e análise;
-Analisar e revisar o próprio texto em função dos objetivos estabelecidos, da intenção comunicativa e do leitor a que se destina, redigindo tantas quantas <u>forem</u> as versões necessárias para considerar o texto produzido bem escrito.
-Utilizar com propriedade e desenvoltura os padrões da escrita em função das exigências do gênero e das condições de produção;
-Constituir um conjunto de conhecimentos sobre o funcionamento da linguagem e sobre o sistema linguístico, relevantes para as práticas de escuta, leitura e produção de textos;
-Apropriar-se dos instrumentos de natureza procedimental e conceitual necessários para a <u>análise e reflexão</u> linguística (delimitação e identificação de unidades, compreensão das relações estabelecidas entre as unidades e das funções discursivas associadas a elas no contexto).

Fonte: Escola de Ensino Regular

Embora no primeiro documento haja o esforço para a compreensão de variações linguísticas e suas funções através da oralidade, o conceito de certo e de errado, bem como, as

abordagens sobre norma-padrão, coloquial e suas adequações no contexto de fala não são bem explicados, tendo em vista que não mostram se vão ser trabalhados nos dois documentos. Nesse contexto, “o professor de língua portuguesa precisa (re)conhecer essa pluralidade de normas com as quais efetivamente terá de trabalhar na sala de aula” (MARTINS; VIEIRA; TAVARES, 2016, p. 14) e os documentos da educação precisam deixar claro esse processo de adequação de variedades.

No que tange a esse assunto, podemos observar, ainda, que a não conscientização do conceito de “erro” no ensino de Língua Portuguesa, a ausência do conhecimento sobre o que é norma-padrão e coloquial, bem como, a omissão da escola em mostrar ao estudante às variedades adequadas em cada situação de uso da língua são fatores que contribuem para o preconceito linguístico já mencionado, podendo causar prejuízos, vide a marginalização dos estudantes ao se sentirem fora dos padrões linguísticos impostos pela sociedade, conforme assegura Coelho *et al.* (2021, p. 65):

Essa confusão entre fazer julgamento à língua e julgamento ao falante é um dos fatores que permitem a existência e a perpetuação do **preconceito linguístico** em nossa sociedade. Com o falso argumento de que uma construção é, em si, “errada”, abre-se espaço para que marginalizemos os falantes que fazem uso dessa construção (grifos dos autores).

Mediante tais questões, queremos deixar claro que o objetivo dessa pesquisa não é o de abolir o ensino da norma-padrão das escolas, pois ela é importante para o aprimoramento das competências comunicativas do aluno e, portanto, deve ser ensinada. Entretanto, no que se refere à abordagem da variação linguística no ambiente escolar, “O professor poderia aproveitar para conscientizar os alunos quanto às diferenças sociolingüísticas(sic) e fornecer a eles a variante adequada aos estilos monitorados orais à língua escrita”, consoante a perspectiva de Bortoni-ricardo (2004, p. 43), ou seja, tratar o padrão como uma das variedades da língua, por meio da diversidade de gêneros em sala de aula, através de uma perspectiva sensível à variação. Além disso, o ambiente escolar é o lugar de busca pela igualdade e tais conceitos corroboram para uma educação crítica que busque diminuir as diferenças.

6.1.5 Existe detalhamento dos aspectos metodológicos quanto ao tema?

No Doc1, não existe detalhamento quanto à metodologia utilizada para a abordagem do tema variação linguística, há apenas indícios que o estudo de língua de tal escola assume o viés histórico ao abordar a origem da língua portuguesa no quadro referente à justificativa da unidade, conforme ilustra a figura abaixo:

Figura 5 – Justificativa da unidade para a abordagem dos conteúdos

JUSTIFICATIVA DA UNIDADE
Iremos iniciar um novo ano letivo e já te convido para embarcar no mundo das diferentes línguas, linguagens e literaturas. Diante disso, iremos refletir sobre as línguas, sobretudo no que diz respeito a origem da língua portuguesa, suas variações e os tipos de linguagens. Através do mundo da literatura, conhecer o Trovadorismo e as cantigas medievais, contextualizando os gêneros líricos para o incentivo à produção textual de cantigas e poesias. Ademais, fazer uma reflexão sobre autoconhecimento e escolhas profissionais. E aí, quem topa?

Fonte:ECI

Esse tipo de abordagem pode ser visto de maneira bastante positiva, já que, através da história, há oportunidade de conhecimento do processo de constituição de nossa língua. Ademais, conhecer a história da língua portuguesa, sobretudo as suas origens do latim, pode ser a oportunidade para explicar alguns fenômenos linguísticos, os quais, algumas vezes, são erroneamente interpretados de maneira preconceituosa:

Além de mostrar aos alunos a variação que ocorre na sincronia, a escola deve ter a incumbência de mostrar as normas usadas em outras épocas para que eles possam ler textos de sincronias passadas, e ver que, muitas vezes o que é considerado “errado” ou “feio” hoje em dia já foi norma culta no passado. Pensamos um pouco na passagem do latim clássico para o latim vulgar: as vogais pós-tônicas /i/ e /e/. de modo geral, sofreram síncope, uma tendência a evitar proparoxítonas, como em *viride* >verde. Opera> obra. Esse fenômeno aconteceu também na passagem do latim vulgar para o português, há mais de mil anos, e atualmente ainda é comum observarmos a mesma tendência à síncope, ilustrada no uso de ‘fosfro’ por ‘fósforo’. ‘figo’ por ‘fígado’, entre outros exemplos (COELHO *et al.*, 2021, p. 141).

No entanto, o documento não aprofunda como os acontecimentos históricos, referentes à língua portuguesa, serão tratados nem como as ligações podem ser feitas para corroborar com as variações e o preconceito linguístico. Dessa maneira, a importância dada ao tema variação linguística encontra-se ainda de maneira tímida em tal documento, isso fica evidenciado a partir dos seguintes questionamentos: caso um novo professor, por algum tipo de necessidade, precise se ausentar dando lugar a outro, como este novo professor abordará o tema variação linguística? De que modo a comunidade irá ter garantias de que sua identidade linguística terá espaço na escola? Como a escola dará espaço para a erradicação de preconceitos através da língua? Logo, essas questões não ficam garantidas com a ausência de uma metodologia frente aos temas variação e preconceito linguístico.

No Doc2, entretanto, é possível encontrar uma sessão exclusiva para a metodologia utilizada durante a ministração de aulas (Figura 6). No entanto, vale salientar que a metodologia em questão se trata de todo o ano letivo e não apenas das aulas de variação linguística. Em decorrência disso, não é possível afirmar se os recursos e métodos serão utilizados no tratamento da variação, haja vista encontrar-se de forma genérica.

Apesar dos recursos utilizados nesse quadro serem de acordo com o que aborda a BNCC sobre a utilização de tecnologias digitais, como as plataformas digitais (*Google Meet, Classroom, YouTube, Google Earth*, entre outros), e possuir algumas atividades práticas, como o estudo de caso, análise de vídeos ou de filmes, etc., esses recursos e métodos não se referem, exclusivamente, ao caso da variação linguística, mas, como dito antes, a todos os conteúdos abordados durante o ano letivo inteiro, conforme mostra a figura abaixo:

Figura 6 – Metodologia utilizada durante o ano letivo

METODOLOGIA DE ENSINO
<ul style="list-style-type: none"> • Aulas digitais expositivas e dialogadas pelo Google Meet com o aluno. • Aulas ao vivo no Canal do Youtube do professor. • Aulas gravadas na Plataforma Google Classroom. • Podcast em Grupos de Whatsapp das turmas lecionadas pelo professor. • Leitura e discussão de textos teóricos. • Análise de vídeos ou filmes. • Discussões e debates dirigidos. • Participação, engajamento e entrega de atividades realizadas via Google Classroom e/ou Meet • Leituras orientadas de textos selecionados. • Trabalhos individuais e/ou grupais. • Estudos de casos. • Autoavaliação do aluno. • Portfólio da turma ou individual • Rubricas de aprendizagem. • Pesquisas sobre o tema. • Atividade seriada. • Uso do Google Earth • Avaliação diagnóstica. • Projetos de pesquisa. • Leitura de aprofundamento (Livro didático) • Realização de Atividades na Plataforma Google Classroom semanalmente com as turmas do professor. • Aulas remotas online ocorridas em um diálogo com professores e alunos na Plataforma Google Classroom, Plataforma Google Meet, Plataformas Zoom, Grupos de Whatsapp, Youtube, Instagram, dentre outros.

Fonte: Escola de Ensino Regular

Com base no que foi dito, podemos inferir que, tanto no Doc1 quanto no Doc2, o tratamento dado ao tema variação linguística encontra-se ainda pouco esquadrihado. Isso se revela pelo fato de, no Doc1, não haver metodologia referente a como será tratado o tema em questão e, no Doc2, não existir metodologia própria ao tema variação linguística, mas sim uma organização genérica sobre todos os conteúdos daquele ano letivo.

6.1.6 Há propostas de materiais complementares e de referências bibliográficas utilizadas para a abordagem do tema?

Quanto aos materiais complementares, no Doc1 não há ferramentas disponíveis para os estudantes, como livros ou apostilas. Contudo, há o *link* de uma videoaula do *YouTube* sobre variedade linguística, conforme podemos observar na Figura 7 abaixo. Vale destacar que tal videoaula é regida pelo professor Noslen⁶.

Figura 7 – Referências propostas/utilizadas para a consulta do estudante

FONTES E REFERÊNCIAS
PARA O ESTUDANTE
<ul style="list-style-type: none"> ➤ Vídeo aula sobre trovadorismo: Canal Aula De: https://www.youtube.com/watch?v=Ta3LI0Rd1w ➤ Vídeo aula sobre Variedade linguística: Canal prof Noslen: https://www.youtube.com/watch?v=6fBOVvgtNoU

Fonte:ECI

Ao consultar o conteúdo da videoaula, foi possível perceber que o professor traz o conceito de variação linguística e destaca quatro tipos em que ela pode ocorrer: histórica, social, regional e de estilo, a qual diz respeito ao modo de falar do indivíduo. Nesses tipos de variação, o docente destaca a mudança entre as formas Vossa Mercê/Você, Macaxeira/aipim/mandioca e destaca, também, a influência do social e da situação de fala na variação linguística. Vale destacar que não há menção ao preconceito linguístico no vídeo em questão.

Embora haja o destaque das variações linguísticas em termos sociais e situacionais, é preciso destacar que o conteúdo da videoaula deixa indícios de que se destina a provas de vestibulares. Tal fato fica evidenciado no decorrer do vídeo devido a trechos pronunciados pelo professor:

⁶O professor em questão é conhecido por publicar videoaulas em seu canal no *YouTube*, o qual conta com cerca de 600 vídeos e mais de 4 milhões de inscritos. Além disso, possui experiência de, aproximadamente, 18 anos em cursinhos e pré-vestibulares. Para mais informações, acesse: <<https://www.profnoslen.com.br/>>.

variação linguística é uma parada que rola muito em vestibular, Enem, então, todo ano cobra variação linguística [...] O Enem gosta de colocar isso, o Enem todos os anos coloca umas cinco questões de variação linguística [...] Alguns vestibulares do país cobram variação linguística como forma de interpretação de texto e questões voltadas especificamente para esse conteúdo de variação linguística (NOSLEN, 2016)⁷.

Dessa maneira, podemos perceber que tal conteúdo, apesar de ser um tema intrinsecamente social, ainda é explorado do ponto de vista tradicional. Sobre o ensino tradicional, com foco em concursos e vestibulares, Bagno (1999, p. 110) destaca:

[...] algumas pessoas levantam a objeção de que o ensino da nomenclatura tradicional, das definições, das classificações, da análise sintática é necessário porque são essas coisas que serão cobradas ao aluno no momento de fazer um concurso ou de prestar o vestibular. Se é assim, cabe a nós, professores, pressionar pelos meios de que dispomos — associações profissionais, sindicatos, cartas à imprensa — para que as provas de concursos sejam elaboradas de outra maneira, trocando as velhas concepções de língua por novas. Não temos de nos conformar passivamente com uma situação absurda e prosseguir na reprodução dos velhos vícios gramatiqueros simplesmente porque haverá uma cobrança futura ao aluno.

Quanto às fontes de pesquisa para o professor são indicados dois livros didáticos, cujas referências podemos observar na Figura 8. No que se refere ao primeiro livro apontado pelo Doc1, ressaltamos que o consultamos e, em seu sumário, não foi encontrado espaço para o tema variação linguística (ANEXO D). No entanto, no segundo livro apontado pelo documento, após consultarmos o sumário (ANEXO E), constatamos haver lugar para o tema variação linguística, visto que está inserido dentro do conteúdo de Língua e Linguagens.

Figura 8 – Fontes de pesquisa para o professor

DO PROFESSOR	
➤	CEREJA, William. DIAS VIANNA, Carolina. DAMIEN, Christiane. Português Contemporâneo. Diálogo, reflexão e uso. Vol.2 Saraiva, 2017.
➤	ORMUNDO, Wilton. Se liga nas linguagens: manual do professor. 1ª ed. São Paulo: Moderna, 2020.

Fonte: ECI

⁷ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=6fBOVygtNoU>>.

Destacamos, ainda, que tais livros são manuais do professor, que serão utilizados, segundo o próprio guia de aprendizagem (Doc1), pelo docente. Outro fato que merece destaque é que os dois livros não possuem espaço específico ao tema preconceito linguístico, conforme observado após consultarmos seus respectivos sumários. Ademais, no primeiro livro, não há espaço destinado à variação linguística, sobre isso, Lima (2016, p. 117) destaca:

Trazer à tona, em pleno século XXI, o tema da variação linguística para explicá-lo e justificá-lo deveria causar profundas lamentações em todos que estudam a sociolinguística e conhecem sua história. Afinal de contas, já são mais de 50 anos de história desse tema e reconhecer que ele é desconhecido de alunos, talvez por negligência de alguns professores de português, nos faz admitir que de algum modo fracassamos em comunicá-lo à comunidade escolar. Nos livros/materiais/manuais didáticos, não há a necessidade de se justificar temas como sintaxe, texto, leitura, etc., no entanto, parece que precisamos fazê-lo quanto à variação linguística.

Quanto ao Doc2, após análise de todo seu conteúdo, não foi possível encontrar materiais complementares nem fontes de referências usadas para as aulas. Sabemos que o professor possui grande importância na educação, mas a ausência de material didático constitui um artifício colaborativo a menos no processo de ensino. Além disso, o não apontamento a um material de apoio, como um livro, por exemplo, pode fazer com que o aluno, bem como, o professor recorra a materiais didáticos tradicionais, nos quais, geralmente, o espaço dado aos diferentes usos da língua encontra-se ausente ou de maneira pouco trabalhada. Diante disso, apesar existirem críticas tecidas aos livros didáticos, salientamos que há materiais que refletem os esforços para uma abordagem mais significativa acerca da variação linguística, segundo Bagno (1999):

Acompanhando esse movimento, muitas editoras vêm tentando produzir um material didático mais compatível com as novas concepções pedagógicas, e o sistema oficial de avaliação dos livros didáticos, apesar de muito criticado, tem contribuído para uma revisão das formas tradicionais de elaboração desse tipo de livro (p. 75).

Portanto, é necessário que haja a garantia nos currículos escolares da abordagem de um material didático em consonância com os diferentes usos da língua. Além disso, ressaltamos que o material didático não se resume a livros, visto que compreende os demais recursos utilizados nas aulas. Assim sendo, torna-se primordial que haja, também, a inserção, feita pelo professor, de materiais que englobem a variação e o preconceito linguístico.

6.1.7 Há propostas de atividades e avaliações com o tema?

No Doc1, há tanto propostas de atividades quanto proposta de avaliação. No que se refere às atividades, elas são divididas em prévias, didático-cooperativas, autodidáticas e complementares. Todavia, apenas a primeira tarefa possui uma abordagem de língua em termos práticos, já que as demais presentes no Doc1, apesar de fugirem dos modos tradicionais, não contemplam o fenômeno da variação linguística nem a questão do preconceito em uma perspectiva prática.

Figura 9 – Atividades propostas durante o bimestre

ATIVIDADES PRÉVIAS	ATIVIDADES DIDÁTICO-COOPERATIVAS	ATIVIDADES AUTODIDÁTICAS
<ul style="list-style-type: none"> ➤ Leitura da oração Pai Nosso em diferentes línguas 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Roda de conversa sobre o conto escolhas de profissões; ➤ Debates sobre conteúdos abordados durante o bimestre. 	<ul style="list-style-type: none"> • Criação de mapas mentais para auxiliar em revisões sobre os temas trabalhados em aula. • Atividades da plataforma Classroom dos assuntos abordados nas aulas presenciais e via Meet

FONTE:ECI (com adaptações)

No que se refere à primeira atividade, podemos visualizar que se trata de um tema mais abrangente, inserido dentro do conteúdo relativo à língua, mas não ao tema variação linguística. Nas demais atividades, temos metodologias produtivas, como roda de conversa, debates, criação de mapas mentais e utilização de recursos tecnológicos, porém também não há atividades referentes ao tema em questão.

Quanto à avaliação, temos critérios significativos, como avaliação contínua, participação nas aulas, a produção de trabalhos, entre outros. Nesse cenário, percebemos haver, de fato, uma preocupação em fugir dos métodos tradicionais, mas não existe abordagem de propostas frente ao tema variação e preconceito linguístico.

Figura 10 – Critérios avaliativos da escola

CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO
A avaliação será realizada de forma contínua e individual, levando em consideração ações como produções de trabalhos propostos pelo professor, resolução de atividades da plataforma Google Classroom, frequência e participação nas aulas presenciais e online, pontualidade nos envios das atividades.

Fonte:ECI

As atividades propostas, no que concerne ao Doc2, encontram-se dentro da metodologia (Figura 6) e inclui estudos de caso, projetos de pesquisa, atividade seriada, entre outros. Porém, não encontramos detalhamento de como as ações serão abordadas em relação aos conteúdos propostos, inclusive a variação linguística.

No que diz respeito à avaliação, temos, no Doc2, um direcionamento de como será realizada (Figura 12). Entretanto, em tal documento, notamos que os critérios de avaliação, utilizados durante todo o bimestre, também não abordam de forma enfática a variação linguística. Nesse quadro de avaliação, observa-se que há fatores que levam a indícios de que os métodos de avaliação priorizarão a norma-padrão, dado que os critérios utilizarão momentos formais de uso da língua como arguição (argumentação) orais e escritas, produções de textos, exposição de trabalhos produzidos, além de serem avaliados com questões objetivas:

Figura 11 – Quadro de avaliação utilizado pela escola

AVALIAÇÃO
O aluno será avaliado por meio de arguições orais e escritas, observando seu desenvolvimento durante a realização de atividades práticas como: leituras, análise, interpretação e produção de textos, exposição de trabalhos produzidos, resolução de exercícios sobre o uso da língua e questões da escrita, aplicação de avaliações com questões objetivas e subjetivas.

Fonte: Escola de Ensino Regular

Ao analisarmos as atividades e os parâmetros de avaliação dos dois documentos, compreendemos que a variação e o preconceito linguístico não foram trabalhados de forma ativa, uma vez que as atividades se apresentam de forma genérica. Embora tais documentos possam não refletir exatamente como tais temas serão abordados, eles deixam fortes indícios de que não existirão trabalhos direcionados a eles. Assim, seria necessário que esses

documentos assegurassem, de fato, ações que se propusessem a trabalhar os conteúdos da variação e do preconceito linguístico, de modo a levar o alunado à compreensão sobre o uso real da língua.

Segundo Coelho *et al.* (2021), para que isso seja possível, é preciso que o professor traga propostas de atividades que, de fato, dê espaço a questão da variação e do preconceito linguístico como, por exemplo, pesquisas publicitárias que veiculem preconceitos linguísticos, levando os alunos a si posicionarem criticamente. Além disso, desenvolvimento de projetos que incentivem os alunos a identificarem na comunidade fenômenos linguísticos em níveis fonéticos, morfológico e sintático, bem como, atividades que comparem textos de épocas diferentes para a percepção das mudanças linguísticas, entre outros. Salientamos que tais propostas não são estanques e que o professor dê espaço à criatividade nas salas de aula, mas que busque conexão entre os conteúdos e a realidade.

Neste capítulo analisamos como o preconceito linguístico e a variação linguística são abordados nos currículos de duas escolas públicas da rede estadual, sendo uma de ensino regular e outra de ensino integral. Escolhemos sete critérios a fim de observar o espaço, as metodologias, os métodos avaliativos e o material proposto e referências utilizadas para a confecção desses currículos, além das noções de “erro” em língua portuguesa e a identidade linguística na sala de aula. Podemos perceber que ainda há muito caminho a ser percorrido acerca desses temas, mas a partir de pesquisas como esta – além de outras posturas de instituições de ensino, entre elas a abordagem da sociolinguística em ambientes acadêmicos e do ensino básico – há a possibilidade de avanço na qualidade do ensino de língua frente às temáticas sociais.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao ingressar nos cursos de licenciatura, o estudante encara desafios diferentes vividos durante o período de estudo na universidade, principalmente, no que tange o ensino de língua. As atividades acadêmicas, diferentes das já conhecidas, trazem dificuldades, mas, com o decorrer do tempo, o estudante de licenciatura vai, gradualmente, utilizando as diferentes expressões da universidade. No decorrer do curso, aprendemos que o ensino de língua portuguesa é muito mais amplo do que o imaginado anteriormente, já que compreende ir além do ensino pautado unicamente na norma-padrão como imaginávamos ser as aulas de língua portuguesa. Dado isso, o presente estudo objetivou analisar como o tema da variação linguística e do preconceito linguístico estão presentes em documentos que compõem o currículo escolar de escolas públicas da rede estadual de ensino do município de Mari-PB.

Pesquisas como essa são importantes, porque servem para nos mostrar como os temas variação linguística e preconceito linguístico são abordados nos currículos escolares a fim de observar se garantem (ou não) um ensino de língua heterogêneo e que considere as diferentes variedades existentes em nosso território. Além disso, acreditamos que a importância desse trabalho consiste, também, em contribuir para futuros professores de língua portuguesa, pesquisadores dessa área de ensino e possíveis gestores escolares, uma vez que proporciona o conhecimento de fatores importantes da área de língua que, aliado às pesquisas aqui citadas, como a de Labov, torna-se relevante para promover a identidade e a cultura de determinada região através de sua variedade linguística.

Consideramos que outro tema fundamental aqui abordado foi o preconceito linguístico, cujo lugar de destaque em currículos escolares ainda se encontra vazio, consubstanciado, talvez, em meras citações que ficam a cargo do respectivo professor. Em decorrência disso, a denúncia da ausência de tal tema nos serve para alertar docentes e gestores escolares que o ensino de Língua Portuguesa é um fator importante, mas que mal abordado pode acarretar preconceitos. Ademais, serve para conscientizar nossos estudantes da educação básica acerca de tal preconceito, o qual precisa ser combatido desde cedo, através, sobretudo, da educação. Além disso, a própria abordagem preconceituosa no ensino de língua, feita, usualmente, pela escola, pode dar lugar a problemas sérios que, futuramente, acarretarão exclusões e desigualdade social.

Nas análises dessa pesquisa, buscamos elencar critérios baseados em pesquisadores da área da sociolinguística e visamos encontrar, nos currículos das escolas, fatos e indícios de como a variação será tratada dentro da sala de aula. A partir dessas ações, constatamos que o

currículo escolar ainda está sendo tratado de maneira bastante genérica, com metodologias que servem para todo o bimestre, e não detalha como a variação e o preconceito linguístico serão abordados. Além disso, alguns indícios encontrados nos documentos nos alertam para um ensino sobre variação ainda preocupado com exames classificatórios e vestibulares, fator esse que possui importância na preocupação de inserir o aluno em cursos superiores, logo após sair do Ensino Médio, mas que não mostra a verdadeira importância que tal tema possui em meio a uma sociedade ainda preconceituosa.

Acerca disso, podemos perceber que, embora passados mais de meio século de pesquisas da área de sociolinguística, cuja característica principal é a ligação entre língua e fatores sociais, temas dessa área de ensino ainda se encontram bastante tímidos nos currículos escolares ou ausentes, como no caso do preconceito linguístico. Essa situação nos mostra que o ensino de Língua Portuguesa, pautado na norma-padrão, ainda predomina, haja vista não haver a necessidade de evidenciar ausências de conteúdos gramaticais, mas temos que fazê-lo quanto à variação e ao preconceito linguístico.

Como sabemos, a região nordeste ainda é vista por muitos de maneira preconceituosa e, por isso, as variedades encontradas nessa região podem ser alvo de discriminações. Nesse cenário, pesquisas como essa, que mostram a identidade da língua, corroboram para minimizar e, conseqüentemente, erradicar esse tipo de pensamento. Vale ressaltar que nem todos os nossos futuros alunos serão professores de Língua Portuguesa ou pesquisadores da área, mas isso não significa que a abordagem dos temas dessa pesquisa necessitam cumprir apenas meras formalidades, pois o conhecimento da heterogeneidade linguística e a conscientização sobre o preconceito linguístico são temas que, acima de tudo, contribuem para a formação de um cidadão mais crítico, afastado de preconceitos e consciente de seu papel na sociedade, independentemente do emprego que exercer.

Seguindo tal lógica, faz-se necessário, também, que as instituições de ensino considerem pesquisas desse tipo, a fim de proporcionar propostas de ensino que considerem buscar, em cada aula, aprimorar a criticidade dos discentes e conscientizar que cada região e cada modo de falar fazem parte da heterogeneidade que rege nosso país. Assim, talvez, em um futuro próximo, possamos, através da educação, acabar de vez com preconceitos construídos devidos ao pensamento de homogeneidade, seja linguística, seja religiosa, seja política, enfim, que a heterogeneidade seja uma porta para que a educação conscientize os estudantes acerca das questões ainda discriminatórias em nossa sociedade.

REFERÊNCIAS

AMORIM, Cláudia. Aula 01 - o continente africano. *In:* AMORIM, Cláudia; FISCHGOLD, Christian; MATOS, Mayara. **Literaturas Africanas I**: volume 1. Rio de Janeiro: Fundação Cecierj, 2015, p. 7-34.

BAGNO, Marcos. **Preconceito lingüístico**: o que é, como se faz. 49ª ed. São Paulo: Loyola, 1999.

BORTONI-RICARDO, Stella Maria. **Educação em língua materna**: a sociolinguística na sala de aula. 1ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Manual de sociolinguística**. 1ª ed. São Paulo: Contexto, 2014.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. Métodos de alfabetização e consciência fonológica: o tratamento de regras de variação e mudança. **SCRIPTA**, Belo Horizonte, v. 9, n. 18, p. 201-220, 1º sem. 2006

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nós chegemos na escola, e agora?** sociolinguística na sala de aula. 2ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **O professor pesquisador**: introdução à pesquisa qualitativa. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF, 2018.

CAVALCANTE, Sávio André de Souza; SILVA, Leosmar Aparecido da; OLIVEIRA, Thiago Laurentino de. Funcionalismo lingüístico: a língua em uso. *In:* LIMA, Álison Hudson Veras; SOARES, Maria Elias; CAVALCANTE, Sávio André de Souza (orgs.). **Linguística geral**: os conceitos que todos precisam conhecer. Volume 1. São Paulo: Pimenta Cultural, 2020, p. 103-140.

CLERISI, Gabriela Debas dos Santos. A prática de análise lingüística na BNCC: uma análise dialógica das habilidades. *In:* PEREIRA, Rodrigo Acosta; COSTA-HÜBES, Terezinha da Conceição (orgs.). **Prática de análise lingüística nas aulas de Língua Portuguesa**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021. p. 247-280.

COELHO, Izete Lehmkuhl *et al.* **Para conhecer sociolinguística**. 1ª ed. São Paulo: Contexto, 2021.

GERALDI, João Wanderley. Unidades básicas do ensino de português. *In:* GERALDI, João Wanderley (org.); ALMEIDA, Milton José de [et al.]. **O texto na sala de aula**. 1ª ed. São Paulo: Ática, 2011, p. 48-62.

BRASIL. **Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996.

LIMA, Ricardo Joseh. Variação linguística e os livros didáticos de português. *In*: MARTINS, Marco Antonio; VIEIRA, Silvia Rodrigues; TAVARES, Maria Alice. **Ensino de português e sociolinguística**. 1ª ed. São Paulo: Contexto, 2016. p. 115-132.

LUCCHESI, Dante. As duas grandes vertentes da história sociolingüística do Brasil (1500-2000). **D.E.L.T.A**: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada. 2001, v. 17, n. 1, p. 97-130.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita**: atividades de retextualização. 10ª ed. São Paulo: Cortez: 2010.

MARTINS, Marco Antonio; VIEIRA, Silvia Rodrigues; TAVARES, Maria Alice. Contribuições da sociolinguística brasileira para o ensino de português. Marco Antonio; VIEIRA, Silvia Rodrigues; TAVARES, Maria Alice. **Ensino de português e sociolinguística**. 1ª ed. São Paulo: Contexto, 2016. p. 9-36.

MOLLICA, Maria Cecília. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. *In*: MOLLICA, Maria Cecília. **Introdução à sociolinguística**: o tratamento da variação. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2007.

MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa; SILVA, Tomaz Tadeu da. Sociologia e teoria crítica do currículo: uma introdução. *In*: MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa; SILVA, Tomaz Tadeu da (orgs.). **Círculo, cultura e sociedade**. 1ª ed. São Paulo: Cortez, 1994. p. 7-31.

PARAÍBA. **Guia de Diretrizes Operacionais das Escolas Cidadãs Integrais, Escolas Cidadãs Integrais Técnicas & Escolas Cidadãs Integrais Socioeducativas da Paraíba**. Secretaria Estadual da Paraíba, 2021. Disponível em: <file:///D:/User/Downloads/DIRETRIZES%20OPERACIONAIS%20ECIS%202021%20-%20VERSA%CC%83O%202.pdf>. Acesso em: 13 nov. 2022.

PROFESSOR Noslen. **Variação Linguística [Professor Noslen]**. YouTube, 11 abr. 2016. Disponível em: <<https://youtu.be/6fBOVygtNoU>>. Acesso em: 13 nov. 2022.

SANTAELLA, L. **O que é semiótica?** São Paulo: Brasiliense, 2007.

SOARES, Daniel de França Brasil; SILVA, Hélio Leonam Barroso. Gramática gerativa. *In*: *In*: LIMA, Álison Hudson Veras; SOARES, Maria Elias; CAVALCANTE, Sávio André de Souza (orgs.). **Linguística geral**: os conceitos que todos precisam conhecer. Volume 1. São Paulo: Pimenta Cultural, 2020.

ANEXO A – PPP DA ESCOLA DE ENSINO REGULAR

1

**GOVERNO DO ESTADO DA PARAÍBA****SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO
E DA CIÊNCIA E TECNOLOGIA****ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO
“AUGUSTO DOS ANJOS”**

“O PPP representa a sistematização, nunca definitiva, de um processo de Planejamento Participativo, que se aperfeiçoa e se concretiza na caminhada, que define claramente o tipo de ação educativa que se quer realizar.” Vasconcellos(2002)

PROJETO POLÍTICO-PEDAGÓGICO



MARI-PB
2022

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DA INSTITUIÇÃO ESCOLAR E EQUIPE DE GESTÃO**Nome da Escola:**

Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Augusto dos Anjos.

Entidade Mantenedora:

Secretaria de Estado da Educação e da Ciência e Tecnologia

Grau de Ensino:

Ensino Fundamental da Educação de Jovens e Adultos (Presencial e Semipresencial)

Ensino Médio Regular

Ensino Médio da Educação de Jovens e Adultos (Presencial e Semipresencial)

Endereço:

Rua Antônio de Luna Freire, nº 374, Centro.

Município: Mari – PB

Governador

João Azevedo Lins Filho

Vice – Governadora

Ana Lígia Costa Feliciano

Secretária de Estado da Educação e da Ciência e Tecnologia

Cláudio Benedito Silva Furtado

Gerente da 1ª Gerencia Regional de Ensino

Wleica Honorato Aragão Quirino

Diretora Escolar

Edileide Xavier de Oliveira

Vice Diretora Escolar

Patrisia do Nascimento Delgado

Coordenadoras Pedagógicas

Lindauria Araujo dos Santos

Lucimar Pereira da Silva

Vera Lúcia da Silva Pontes

Secretária Escolar

Elizângela Vitorino de Carvalho

Técnicos Administrativos

João Batista Ribeiro da Silva

Karla Aparecida dos Santos Silva

Ronaldo Gonçalo da Silva

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO	4
2. JUSTIFICATIVAS	5
3. DIAGNÓSTICO DA REALIDADE	5
4. CARACTERIZAÇÃO DO CORPO DISCENTE	6
5. VALORES, MISSÃO E OBJETIVOS DA ESCOLA	7
5.1. IDENTIFICAÇÃO	7
5.2. PRINCÍPIOS	7
5.3. MISSÃO	8
5.4 OBJETIVOS	8
6. CARACTERIZAÇÃO E ESTRUTURA DE FUNCIONAMENTO DA ESCOLA	9
6.1 MODALIDADES DE ENSINO	9
6.2. ETAPAS E MODALIDADES DE ENSINO OFERTADAS PELA ESCOLA	10
6.2.2 ENSINO MÉDIO REGULAR	10
6.2.3 EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS - EJA	10
6.3 ORIENTAÇÕES DE FUNCIONAMENTO	11
6.4 QUADRO DE PESSOAL DOCENTE	12
6.5 DIMENSÃO FÍSICO – ADMINISTRATIVA	14
6.6 EQUIPE DIRETIVA E PEDAGÓGICA	14
6.7 CONSELHO ESCOLAR	15
6.8 CONSELHO DE CLASSE	17
6.9 PROFESSOR CONSELHEIRO	18
6. 10 REPRESENTANTE DE CLASSE	19
6.11 DIMENSÃO FINANCEIRA	21
7. DIRETRIZES PEDAGÓGICAS	22
7.1 DIMENSÃO PEDAGÓGICA	22
7.2 PROJETOS DE APRENDIZAGEM / ATIVIDADES COMPLEMENTARES	23
7.2.1 PROJETO SE SABE DE REPENTE	23
7.2.2 PROGRAMA SAÚDE NA ESCOLA	25
7.2.3 PROJETO FOLCLORE	25
7.2.4 PROJETO “EU FAÇO A MINHA HISTÓRIA”	27
7.2.5 PROJETO “A COMUNIDADE, SUA HISTÓRIA E LUGARES DE MEMÓRIA”	28
7.2.6 JOGOS INTERNOS DO AUGUSTO DOS ANJOS 2019	29
7.2.7 OFICINA CULT-LITERÁRIA: HALLOWEEN E EDGAR ALLAN POE EM AÇÃO	29
8. DIAGNÓSTICO SITUACIONAL	30
9. PLANO DE AÇÃO	31
9.1 AÇÕES PROPOSTAS	32
10. AVALIAÇÃO	33
REFERÊNCIAS	34

ANEXO B — PLANO DE CURSO DO ENSINO REGULAR

SECRETARIA DE ESTADO
DA EDUCAÇÃO E
DA CIÊNCIA E TECNOLOGIA



1ª GERÊNCIA REGIONAL DE ENSINO
EEEFM AUGUSTO DOS ANJOS
MARI/PB

PLANO DE CURSO – ANO LETIVO – 2022

COMPONENTE CURRICULAR:	LÍNGUA PORTUGUESA
ANO/SÉRIE:	1º ano
CARGA HORÁRIA:	200/ha
DOCENTE:	Valdilene Freitas Machado Matias
PERFIL DO DOCENTE:	Licenciatura Plena em Letras Especialização em Gestão Escolar
DOCENTE:	Kézia André da Silva
PERFIL DO DOCENTE:	Licenciatura Plena em Letras Especialização em Fundamentos da Educação e Práticas Pedagógicas Interdisciplinares, ambos pela Universidade Estadual da Paraíba.

EMENTA

A disciplina de Língua Portuguesa divide-se em três eixos que se inter-relacionam: Gramática, Literatura e Produção Textual. Cada um desses eixos possui objetivos específicos (leitura, análise linguística e produção de texto), porém estão inter-relacionados por meio de uma mesma temática e de diversas seções que transitam entre os eixos, práticas artísticas-literária, práticas político-cidadãs, práticas investigativas, práticas do mundo do trabalho, práticas culturais das tecnologias de informação e comunicação, proporcionando aos estudantes um contínuo trabalho intertextual com a escola, a família, o trabalho e a sociedade.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para o componente curricular Língua Portuguesa considera o texto, em suas múltiplas formas, como o centro das práticas de linguagem, além de assumir as perspectivas enunciativas-discursivas na abordagem, de forma a sempre relacionar os textos aos seus contextos de produção e o desenvolvimento de habilidades ao uso significativo da linguagem em atividades de leitura, escuta e produção de textos em várias mídias e semioses. Então, serão oferecidos, para investigação e aprendizado dos alunos, textos que articulam, em sua composição, elementos verbais, visuais, gestuais, sonoros, dentre outros, e que circulam nos modos impresso, digital, televisivo etc. São os textos multimodais ou multissemióticos que estão estruturados em quatro eixos organizadores que perpassam todo o Ensino Médio: Leitura, Produção de textos, Oralidade e Análise linguística/Semiótica. Para trabalhar com esses quatro eixos, tomamos como referência práticas de uso e de reflexão sobre a linguagem, favorecendo a organização dos objetos de conhecimento e das habilidades para a aprendizagem nos Anos Finais da Educação Básica.

OBJETIVO GERAL

- Desenvolver habilidades de leitura, compreensão, interpretação e produção de textos multimodais ou multissemióticos que circulam nos diversos campos da atividade humana;
- Aprimorar a leitura oral, exercitando-a a partir de orientações sobre pontuação, entonação e ênfase;
- Debater temas propostos pelos textos e desenvolver habilidades de expressão e argumentação orais;
- Comparar textos, buscando semelhanças e diferenças quanto às ideias e à forma;
- Utilizar a linguagem escrita, quando for necessário, como apoio para registro, documentação e análise;



- Analisar e revisar o próprio texto em função dos objetivos estabelecidos, da intenção comunicativa e do leitor a que se destina, redigindo tantas quantas forem as versões necessárias para considerar o texto produzido bem escrito.
- Utilizar com propriedade e desenvoltura os padrões da escrita em função das exigências do gênero e das condições de produção;
- Constituir um conjunto de conhecimentos sobre o funcionamento da linguagem e sobre o sistema linguístico, relevantes para as práticas de escuta, leitura e produção de textos;
- Apropriar-se dos instrumentos de natureza procedimental e conceitual necessários para a análise e reflexão linguística (delimitação e identificação de unidades, compreensão das relações estabelecidas entre as unidades e das funções discursivas associadas a elas no contexto).

Conteúdos/Objetos do Conhecimento

1º BIMESTRE

Conteúdo: Leitura e Literatura

Relação entre textos
Reconstrução da textualidade e compreensão dos efeitos de sentidos provocados pelos usos de recursos linguísticos e multissemióticos
Estratégias de leitura
Apreciação e réplica

- Gêneros literários: épico, narrativo (gênero moderno: romance), lírico e dramático
- Noções de versificação (poemas, músicas, batalhas de rimas..)

Competências BNCC

(EM13LP01)
(EM13LP45)

Conteúdo: Análise linguística/Semiótica

Fono-ortografia
Morfossintaxe
Recursos linguísticos e semióticos que operam nos textos pertencentes aos gêneros literários
Estilo

- Linguagem, fala língua e cultura
- Fonologia: fonema, letra, encontros vocálicos, consonantais, dígrafos e hiatos

Competências da BNCC

(EM13LP17)



Conteúdo: Produção de textos	
Estratégias de produção: planejamento, textualização e revisão/edição Construção da textualidade	
• Resenha	
Competências da BNCC	(EM13LP09) (EM13LP28)
Conteúdo: Oralidade	
Participação em discussões orais de temas controversos de interesse da turma e/ou de relevância social Estratégias de produção: planejamento e produção de apresentações orais Oralização	
• Compreensão e interpretação de textos nos gêneros: memória de leitura, poesia concreta, relato (pessoal, de entrevista, de pesquisa, de leitura ou de viagens) , texto teatral, romance, letra de música, resenha, haicai, sermão, filme, pintura e fotografia .	
Competências da BNCC	(EM13LP44)
2º BIMESTRE	
Conteúdo: Leitura e Literatura	
Estratégia de leitura: apreender os sentidos globais do texto Reconstrução das condições de produção, circulação e recepção Apreciação e réplica Reconstrução da textualidade e compreensão dos efeitos de sentidos provocados pelos usos de recursos linguísticos e multissemióticos	
• Poesia concreta • Literatura de informação/relatos dos viajantes: antigos e atuais • Identidade Cultural	
Competências da BNCC	(EM13LGG201)
Conteúdo: Análise linguística/Semiótica	
Morfossintaxe Efeito de sentido Recursos linguísticos e semióticos que operam nos textos pertencentes aos gêneros literários Estilo Figuras de linguagem	
• História da língua portuguesa	
• Estrutura das palavras: - radical, desinência (nominal e verbal), vogal temática, tema, afixos (prefixos e sufixos), vogal e consoante de ligação	
Competências da BNCC	(EM13LP17)



<p>Conteúdo: Produção de textos</p> <p>Consideração das condições de produção Estratégias de produção: planejamento, textualização e revisão/edição Estratégias de escrita: textualização, revisão e edição</p> <p>• Resumo</p>	
Competências da BNCC	(EM13LP09) (EM13LP28)
<p>Conteúdo: Oralidade</p> <p>Participação em discussões orais de temas controversos de interesse da turma e/ou de relevância social Produção de textos orais Oralização Estratégias de produção: planejamento e participação em debates regrados</p> <ul style="list-style-type: none"> • Produção de textos nos seguintes gêneros: memória de leitura, relato (pessoal, de entrevista, de pesquisa, de leitura ou de viagens), resenha, poesia concreta, haikai, fotografia, "dissertação". 	
Competências da BNCC	EM13LP40) (EM13LP45)
<p>3º BIMESTRE</p> <p>Conteúdo: Análise linguística/Semiótica</p> <p>Fono-ortografia Elementos notacionais da escrita/morfossintaxe Construção composicional e estilo Textualização Progressão temática</p> <ul style="list-style-type: none"> • Processos de formação das palavras: • derivação (sufixal, prefixal, prefixal sufixal, parassintética, regressiva e imprópria) 	
Competências da BNCC	(EM13LP13)
<p>Conteúdo: Leitura e Literatura</p> <p>Reconstrução da textualidade e compreensão dos efeitos de sentidos provocados pelos usos de recursos linguísticos e multissemióticos Relação entre contexto de produção e características composicionais e estilísticas dos gêneros Apreciação e réplica</p> <ul style="list-style-type: none"> • Barroco • Arcadismo 	



Competências da BNCC	(EM13LGG401)
<p>Conteúdo: Oralidade</p> <p>Participação em discussões orais de temas controversos de interesse da turma e/ou de relevância social Estratégias de produção: planejamento e produção de apresentações orais</p> <ul style="list-style-type: none"> • Seminário • Apresentações 	
Competências da BNCC	(EM13LP)
<p>Conteúdo: Produção de textos</p> <p>Estratégias de escrita: textualização, revisão e edição Estratégia de produção: planejamento de textos argumentativos e apreciativos</p> <ul style="list-style-type: none"> • Análise de Poemas 	
Competências da BNCC	(EM13LP11)
<p>4º BIMESTRE</p> <p>Conteúdo: Análise linguística/Semiótica</p> <p>Fono-ortografia Morfossintaxe Coesão Variação linguística Construção composicional Elementos paralinguísticos e cinésicos</p> <ul style="list-style-type: none"> • Composição (por aglutinação e justaposição) • Hibridismo 	
Competências da BNCC	(EM13LP13)
<p>Conteúdo: Leitura e Literatura</p> <p>Reconstrução do contexto de produção, circulação e recepção de textos Caracterização do campo jornalístico e relação entre os gêneros em circulação, mídias e práticas da cultura digital Reconstrução da textualidade e compreensão dos efeitos de sentidos provocados pelos usos de recursos linguísticos e multissemióticos</p> <ul style="list-style-type: none"> • Literatura indígena • Literaturas africanas • Literatura afro-brasileira 	
Competências da BNCC	(EM13LP47)



	(EM13LP48) (EM13LP51) (EM13LGG401)
Conteúdo: Oralidade	
Planejamento e produção de textos jornalísticos orais Participação em discussões orais de temas controversos de interesse da turma e/ou de relevância social Estratégias de produção: planejamento e produção de apresentações orais	
• Debate	
Competências da BNCC	(EM13LP34) (EM13LGG303)
Conteúdo: Produção de textos	
Estratégias de produção: planejamento, textualização, revisão e edição de textos publicitários Estratégia de produção: planejamento de textos reivindicatórios ou propositivos	
• Texto Argumentativo	
Competências da BNCC	(EM13LP05) (EM13LP10) (EM13LP13) (EM13LP30)
METODOLOGIA DE ENSINO	
<ul style="list-style-type: none"> • Aulas digitais expositivas e dialogadas pelo Google Meet com o aluno. • Aulas ao vivo no Canal do Youtube do professor. • Aulas gravadas na Plataforma Google Classroom. • Podcast em Grupos de Whatsapp das turmas lecionadas pelo professor. • Leitura e discussão de textos teóricos. • Análise de vídeos ou filmes. • Discussões e debates dirigidos. • Participação, engajamento e entrega de atividades realizadas via Google Classroom e/ou Meet • Leituras orientadas de textos selecionados. 	



- Trabalhos individuais e/ou grupais.
- Estudos de casos.
- Autoavaliação do aluno.
- Portfólio da turma ou individual
- Rubricas de aprendizagem.
- Pesquisas sobre o tema.
- Atividade seriada.
- Uso do Google Earth
- Avaliação diagnóstica.
- Projetos de pesquisa.
- Leitura de aprofundamento (Livro didático)
- Realização de Atividades na Plataforma Google Classrrom semanalmente com as turmas do professor.
- Aulas remotas online ocorridas em um diálogo com professores e alunos na Plataforma Google Classrrom, Plataforma Google Meet, Plataforma Zoom, Grupos de Whatsapp , Youtube, Instagram, dentre outros.

AVALIAÇÃO

O aluno será avaliado por meio de arguições orais e escritas, observando seu desenvolvimento durante a realização de atividades práticas como: leituras, análise, interpretação e produção de textos, exposição de trabalhos produzidos, resolução de exercícios sobre o uso da língua e questões da escrita, aplicação de avaliações com questões objetivas e subjetivas.

ANEXO C — GUIA DE APRENDIZAGEM ECI

GUIA DE APRENDIZAGEM	Série	1 ANO	Etapa		Ano Letivo	2022
-----------------------------	-------	-------	-------	--	------------	------

ESCOLA CIDADÃ INTEGRAL TÉCNICA JOSÉ PAULO DE FRANÇA

PROFESSOR	COMPONENTE CURRICULAR	1º BIMESTRE
Cícero Bezerra Da Silva Neto	Língua Portuguesa	14 de fevereiro a 29 de abril

JUSTIFICATIVA DA UNIDADE
<p>Iremos iniciar um novo ano letivo e já te convido para embarcar no mundo das diferentes línguas, linguagens e literaturas. Diante disso, iremos refletir sobre as línguas, sobretudo no que diz respeito a origem da língua portuguesa, suas variações e os tipos de linguagens. Através do mundo da literatura, conhecer o Trovadorismo e as cantigas medievais, contextualizando os gêneros líricos para o incentivo à produção textual de cantigas e poesias. Ademais, fazer uma reflexão sobre autoconhecimento e escolhas profissionais. E aí, quem topa?</p>

ATIVIDADES PRÉVIAS	ATIVIDADES DIDÁTICAS – CONTEÚDO
<ul style="list-style-type: none"> ➤ Leitura da oração Pai Nosso em diferentes línguas. 	<p>Língua e linguagens</p> <ul style="list-style-type: none"> ➤ Breve história da língua portuguesa ➤ Conceito de língua e linguagem; ➤ Variedades linguísticas; <p>Literatura</p> <ul style="list-style-type: none"> ➤ Introdução à literatura: gêneros literários ➤ Trovadorismo: as cantigas medievais <p>Autoconhecimento e escolha</p> <ul style="list-style-type: none"> ➤ Fazendo um perfil ➤ Experimentando ser entrevistador
<p style="text-align: center;">FONTES E REFERÊNCIAS PARA O ESTUDANTE</p> <ul style="list-style-type: none"> ➤ Vídeo aula sobre trovadorismo: Canal Aula De: https://www.youtube.com/watch?v=Tal3LI0Rd1w ➤ Vídeo aula sobre Variedade linguística: Canal prof Noslen: https://www.youtube.com/watch?v=6fBOVygtNoU 	
<p style="text-align: center;">DO PROFESSOR</p> <ul style="list-style-type: none"> ➤ CEREJA, William. DIAS VIANNA, Carolina. DAMIEN, Christiane. Português Contemporâneo. Diálogo, reflexão e uso. Vol.2 Saraiva, 2017. ➤ ORMUNDO, Wilton. Se liga nas linguagens: manual do professor. 1ª ed. São Paulo: Moderna, 2020. 	

<p>ATIVIDADES AUTODIDÁTICAS</p> <ul style="list-style-type: none"> • Criação de mapas mentais para auxiliar em revisões sobre os temas trabalhados em aula. • Atividades da plataforma Classroom dos assuntos abordados nas aulas presenciais e via Meet. 	
<p>ATIVIDADES DIDÁTICO-COOPERATIVAS</p>	<p>TEMAS TRANSVERSAIS</p>
<ul style="list-style-type: none"> ➤ Roda de conversa sobre o conto escolhas de profissões; ➤ Debates sobre conteúdos abordados durante o bimestre. 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Meio Ambiente; Cidadania e Civismo; Ciência e Tecnologia.
<p>ATIVIDADES COMPLEMENTARES</p>	<p>VALORES</p>
<ul style="list-style-type: none"> ➤ Consolidar com Vídeos no Youtube do canal do "LiteraBrasil"; ➤ Reforçar estudos acerca de literatura acessando ao blog Cultura genial. 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Ética, Moral e Cultura; Responsabilidade; Respeito; Cidadania
<p>CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO</p>	<p>OBJETIVOS ESPECÍFICOS</p>
<p>A avaliação será realizada de forma contínua e individual, levando em consideração ações como produções de trabalhos propostos pelo professor, resolução de atividades da plataforma Google Classroom, frequência e participação nas aulas presenciais e online, pontualidade nos envios das atividades.</p>	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Conhecer os conceitos de língua e linguagem para compreender o uso da oralidade em suas funções e variações. ➤ Identificar os diversos gêneros do discurso por meio dos textos literários numa leitura compartilhada. ➤ Conhecer e compreender a importância da literatura no aspecto sociocultural para formação do senso-crítico do ser humano. ➤ Propiciar momentos de debate e reflexões sobre os gêneros literários. ➤ Mostrar a estrutura da formação das partes do poema e sua relevância na construção da escrita e da fala. ➤ Orientar na produção dos poemas e na construção dos textos teatrais. ➤ Auxiliar na leitura e interpretação de gêneros diversos utilizando o nivelamento

ANEXO D – LIVRO QUE NÃO TEM ESPAÇO PARA A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA



PORTUGUÊS CONTEMPORÂNEO

DIÁLOGO, REFLEXÃO E USO

COMPONENTE
CURRICULAR
**LÍNGUA
PORTUGUESA**
3º ANO
ENSINO MÉDIO

MANUAL DO PROFESSOR

William CEREJA

Professor graduado em Português e Linguística e licenciado em Português pela Universidade de São Paulo
Mestre em Teoria Literária pela Universidade de São Paulo
Doutor em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem na PUC-SP
Professor da rede particular de ensino em São Paulo, capital

Carolina DIAS VIANNA

Professora graduada e licenciada em Português pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).
Mestre em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).
Doutoranda em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).
Professora das redes pública e particular de ensino nos estados de São Paulo e Minas Gerais.
Membro das bancas de correção da Redação do Enem e do vestibular da Unicamp.

Christiane DAMIEN

Professora graduada e licenciada em Português e Francês pela Universidade Estadual Paulista (Unesp).
Mestre em Letras pelo Programa de Língua, Literatura e Cultura Árabe da Universidade de São Paulo (USP).
Doutoranda em Estudos Árabes pela Universidade de São Paulo (USP).
Professora das redes pública e particular de ensino na cidade de São Paulo.

3

1ª edição – 2016
São Paulo

 **Editora
Saraiva**

Português contemporâneo: diálogo, reflexão e uso, volume 3
 © William Roberto Cereja / Carolina Assis Dias Vianna / Christiane Damien Codenhoto, 2016

Direitos desta edição: Saraiva Educação Ltda., São Paulo, 2016
Todos os direitos reservados

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
 (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Cereja, William Roberto
 Português contemporâneo : diálogo, reflexão e uso, vol. 3 / William Roberto Cereja, Carolina Assis Dias Vianna, Christiane Damien Codenhoto. -- 1. ed. -- São Paulo : Saraiva, 2016.

Obra em 3 v.
 Suplementado pelo manual do professor.
 Bibliografia.
 ISBN 978-85-472-0525-6 (aluno)
 ISBN 978-85-472-0528-7 (professor)

I. Português (Ensino médio) I. Vianna, Carolina Assis Dias. II. Codenhoto, Christiane Damien. III. Título.

16-03539 CDD-469.07

Índices para catálogo sistemático:

I. Português : Ensino médio 469.07

Diretora editorial Lidiane Vivaldini Olo
Gerente editorial Luiz Tonolli
Editor responsável Noé G. Ribeiro
Editores Fernanda Carvalho, Mônica Rodrigues de Lima, Paula Junqueira
Preparação de texto Célia Tavares
Gerente de produção editorial Ricardo de Gan Braga
Gerente de revisão Hélia de Jesus Gonsaga
Coordenador de revisão Camila Christi Gazzani
Revisores Carlos Eduardo Sigrist, Larissa Vazquez, Lilian Miyoko Kumai
Produtor Editorial Roseli Said
Supervisor de iconografia Silvio Klugin
Coordenador de iconografia Cristina Akisino
Pesquisa Iconográfica Camila Losimfeldt, Rodrigo S. Souza
Licenciamento de textos Erica Brambila
Coordenador de artes Aderson Oliveira
Design e Capa Sergio Cândido com ilustrações de Nelson Provazi
Edição de arte Josiane Batista
Diagramação Benedito Reis, Josiane Batista
Assistente Jacqueline Ortolan
Ilustrações Andressa Honório, Nelson Provazi, Rico, Sonia Vaz
Tratamento de imagens Emerson de Lima
Protótipos Magali Prado

077623.001.001

Impressão e acabamento

O material de publicidade e propaganda reproduzido nesta obra está sendo utilizado apenas para fins didáticos, não representando qualquer tipo de recomendação de produtos ou empresas por parte do(s) autor(es) e da editora.



Editora
Saraiva

SAC

0800-0117875

De 2ª a 6ª, das 8h às 18h
www.editorasaraiva.com.br/contato

Avenida das Nações Unidas, 7221 – 1ª andar – Setor C – Pinheiros – CEP 05425-902

SUMÁRIO

UNIDADE

1

RUPTURA E CONSTRUÇÃO

■ CAPÍTULO 1 - O PRÉ-MODERNISMO - CONCORDÂNCIA VERBAL - O CONTO

LITERATURA: O PRÉ-MODERNISMO	14
Augusto dos Anjos	15
Foco no texto: "O deus verme" e "Idealismo"	16
Lima Barreto	17
<i>Triste fim de Policarpo Quaresma</i>	18
Foco no texto: trecho de <i>Triste fim de Policarpo Quaresma</i>	18

LÍNGUA E LINGUAGEM: CONCORDÂNCIA VERBAL	23
Foco no texto: "Dois e dois: quatro", de Ferreira Gullar	23
Reflexões sobre a língua	25
A concordância ideológica ou silepse	26
As concordâncias dos verbos impessoais e do verbo ser	27
Texto e enunciação	28

PRODUÇÃO DE TEXTO: O CONTO	30
Foco no texto: "Nós choramos pelo Cão Tinhoso", de Ondjaki	30
Hora de escrever	35

■ CAPÍTULO 2 - O MODERNISMO - CONCORDÂNCIA NOMINAL - O CONTO MODERNO E CONTEMPORÂNEO

LITERATURA: O MODERNISMO	38
Foco na imagem: <i>A fonte</i> , de Marcel Duchamp; <i>O grito</i> , de Edvard Munch; <i>Corrente de cachorro em movimento</i> , de Giacomo Balla; <i>As senhoritas de Avignon</i> , de Pablo Picasso; <i>Persistência da memória</i> , de Salvador Dalí	38
O contexto de produção e recepção do Modernismo	40
Meios de circulação	40
O Modernismo em contexto	41
Movimentos e manifestos	41
Foco no texto: fragmento do "Prefácio interessantíssimo", de Mário de Andrade; poemas de Oswald de Andrade	42
Entre saberes	45
Conexões: <i>O japonês</i> e <i>A mulher de cabelos verdes</i> , de Anita Malfatti; "Paranoia ou mistificação?"; de Monteiro Lobato	48

LÍNGUA E LINGUAGEM: CONCORDÂNCIA NOMINAL	51
Foco no texto: anúncio	51

Reflexões sobre a língua	52
Texto e enunciação	57

PRODUÇÃO DE TEXTO: O CONTO MODERNO E CONTEMPORÂNEO	59
Foco no texto: "Uma vela para Dario", de Dalton Trevisan	59
Hora de escrever	62

■ CAPÍTULO 3 - A GERAÇÃO DE 22 - REGÊNCIA VERBAL - O CONTO FANTÁSTICO

LITERATURA: A GERAÇÃO DE 22	64
Oswald de Andrade	65
Mário de Andrade	65
<i>Macunaíma: o herói sem nenhum caráter</i>	66
Foco no texto: trecho de <i>Macunaíma</i>	66
Manuel Bandeira	70
Foco no texto: "Andorinha", "Momento num café" e "Nova poética"	70
Entre textos: "O laço de fita", de Castro Alves; "Amor", de Oswald de Andrade	73

LÍNGUA E LINGUAGEM: REGÊNCIA VERBAL	75
Foco no texto: cartaz de campanha de doação de sangue	75
Reflexões sobre a língua	76
Texto e enunciação	80

PRODUÇÃO DE TEXTO: O CONTO FANTÁSTICO	82
Foco no texto: "O retrato oval", de Edgar Allan Poe	82
Hora de escrever	87

POR DENTRO DO ENEM E DO VESTIBULAR

PROJETO: ANTOLOGIA DE CONTOS, MINICONTOS E CONTOS FANTÁSTICOS MULTIMODAIS	96
--	----



Nelson Provasi



■ CAPÍTULO 1 - A GERAÇÃO DE 30: GRACILIANO RAMOS - REGÊNCIA NOMINAL - O DEBATE DELIBERATIVO	
LITERATURA: A GERAÇÃO DE 30: GRACILIANO RAMOS	100
O contexto de produção e recepção da produção literária da geração de 30	101
Meios de circulação.....	101
O Modernismo em contexto.....	102
O romance de 30	102
Rachel de Queiroz.....	102
Graciliano Ramos.....	103
Foco no texto: trecho de <i>Vidas secas</i> , de Graciliano Ramos.....	103
Entre textos: fragmento do poema "O retrato do sertão", de Patativa do Assaré, e canção "Segue o seco", de Carlinhos Brown.....	107
Entre saberes	110
Mundo plural	113
LÍNGUA E LINGUAGEM: REGÊNCIA NOMINAL	115
Foco no texto: fôlder da Delegacia da Mulher.....	115
Reflexões sobre a língua	117
Texto e enunciação	120
PRODUÇÃO DE TEXTO: O DEBATE DELIBERATIVO	122
Foco no texto: transcrição de trecho de uma reunião deliberativa na Câmara dos Deputados.....	122
Hora de escrever	126
■ CAPÍTULO 2 - A GERAÇÃO DE 30: JOSÉ LINS DO REGO, JORGE AMADO E ÉRICO VERÍSSIMO - CRASE - RELATÓRIO E CURRÍCULO	
LITERATURA: JOSÉ LINS DO REGO, JORGE AMADO E ÉRICO VERÍSSIMO	130
José Lins do Rego.....	131
<i>Fogo morto</i>	131
Foco no texto: fragmento de <i>Fogo morto</i>	131
Jorge Amado.....	134
<i>Capitães da Areia</i>	134
Foco no texto: trecho de <i>Capitães da Areia</i>	134
Érico Veríssimo.....	138
<i>O tempo e o vento</i>	139
Foco no texto: trecho de "Um certo capitão Rodrigo".....	139
LÍNGUA E LINGUAGEM: CRASE	143
Foco no texto: cartaz do Conselho Federal de Psicologia.....	143
Reflexões sobre a língua	144
Texto e enunciação	147
PRODUÇÃO DE TEXTO: RELATÓRIO E CURRÍCULO	149
O relatório	149
Foco no texto: "Relatório do 4º Encontro da Comunidade de Desenvolvimento".....	149
Hora de escrever	152
O currículo	153
Hora de escrever	153
■ CAPÍTULO 3 - A GERAÇÃO DE 30 - COLOCAÇÃO PRONOMINAL - CARTAS ARGUMENTATIVAS	
LITERATURA: A GERAÇÃO DE 30: CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE	155
A poesia de 30	156
Carlos Drummond de Andrade.....	156
Foco no texto: "Coração numeroso" e "A noite dissolve os homens".....	157
LÍNGUA E LINGUAGEM: COLOCAÇÃO PRONOMINAL	161
Foco no texto: "Abraçando árvore", de Antonio Prata.....	161
Reflexões sobre a língua	163
Texto e enunciação	167
PRODUÇÃO DE TEXTO: AS CARTAS ARGUMENTATIVAS DE SOLICITAÇÃO E DE RECLAMAÇÃO	168
A carta de solicitação	168
Foco no texto: carta de solicitação.....	168
A carta de reclamação	169
Foco no texto: carta de reclamação.....	169
Hora de escrever	171
POR DENTRO DO ENEM E DO VESTIBULAR	174
PROJETO: CIDADANIA EM DEBATE	178

■ CAPÍTULO 1 - A POESIA DE 30: CECÍLIA MEIRELES E VINÍCIUS DE MORAIS - ANÁLISE LINGÜÍSTICA: PROGRESSÃO REFERENCIAL E OPERADORES ARGUMENTATIVOS - A DISSERTAÇÃO (I)

LITERATURA: CECÍLIA MEIRELES E VINÍCIUS DE MORAIS	182
Cecília Meireles	182
Foco no texto: "Motivo" e "Canção"	183
Vinícius de Moraes	184
Foco no texto: "Pátria minha" e "Soneto de separação"	185
Conexões: "Soneto de fidelidade", de Vinícius de Moraes; "Eu sei que vou te amar", música de Tom Jobim e letra de Vinícius de Moraes	189

LÍNGUA E LINGUAGEM: ANÁLISE LINGÜÍSTICA: PROGRESSÃO REFERENCIAL E OPERADORES ARGUMENTATIVOS	191
Foco no texto: redação do Enem	191
Reflexões sobre a língua	192
Texto e enunciação	195
PRODUÇÃO DE TEXTO: A DISSERTAÇÃO	196
Foco no texto: dissertação do Enem de 2012	196
Hora de escrever	198

■ CAPÍTULO 2 - A GERAÇÃO DE 45: JOÃO CABRAL DE MELO NETO - ANÁLISE LINGÜÍSTICA: INFORMATIVIDADE E SENSO COMUM - A DISSERTAÇÃO (II)

LITERATURA: A GERAÇÃO DE 45: JOÃO CABRAL DE MELO NETO	201
João Cabral de Melo Neto	202
Foco no texto: fragmentos de <i>Educação pela pedra</i> e <i>Morte e vida severina</i>	203

LÍNGUA E LINGUAGEM: ANÁLISE LINGÜÍSTICA: INFORMATIVIDADE E SENSO COMUM

Foco no texto: anúncio	207
Reflexões sobre a língua	209
Texto e enunciação	213

PRODUÇÃO DE TEXTO: A DISSERTAÇÃO: CONSTRUÇÃO DE ARGUMENTOS

Foco no texto: dissertação do Enem	214
Hora de escrever	218

■ CAPÍTULO 3 - A GERAÇÃO DE 45: CLARICE LISPECTOR E GUIMARÃES ROSA - ANÁLISE LINGÜÍSTICA: IMPLÍCITOS E INTERTEXTUALIDADE - A DISSERTAÇÃO (III)

LITERATURA: CLARICE LISPECTOR E GUIMARÃES ROSA	221
Clarice Lispector	221
Foco no texto: conto "Amor", da obra <i>Laços de família</i>	222
Guimarães Rosa	227
<i>Sagarana</i>	228

Foco no texto: trecho do conto "A hora e a vez de Augusto Matraga"

LÍNGUA E LINGUAGEM: ANÁLISE LINGÜÍSTICA: IMPLÍCITOS E INTERTEXTUALIDADE	234
Foco no texto: cartum de Rog Bollen	234
Reflexões sobre a língua	235
Texto e enunciação	237

PRODUÇÃO DE TEXTO: A DISSERTAÇÃO: O CONTEXTO DE AVALIAÇÃO

Foco no texto: trecho do <i>Guia do participante - A redação no Enem</i>	239
Hora de escrever	242

POR DENTRO DO ENEM E DO VESTIBULAR

PROJETO: SIMULADO ENEM - A REDAÇÃO EM EXAME	248
--	-----



Nelson Proraz

■ CAPÍTULO 1 - A LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA - ANÁLISE LINGÜÍSTICA: AS DIFERENTES FORMAS DE DIZER - VERBETE E PROJETO DE PESQUISA	
LITERATURA: A LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA	252
O Concretismo.....	253
A literatura de resistência e a poesia marginal.....	253
Ferreira Gullar.....	254
Foco no texto: "Não há vagas" e "Não coisa".....	254
A literatura brasileira do final do século XX aos nossos dias.....	257
Milton Hatoum.....	257
Foco no texto: fragmentos de <i>Relato de um certo Oriente</i>	258
LÍNGUA E LINGUAGEM: ANÁLISE LINGÜÍSTICA: AS DIFERENTES FORMAS DE DIZER	263
Foco no texto: notas de jornal.....	263
Reflexões sobre a língua.....	265
Texto e enunciação.....	268
PRODUÇÃO DE TEXTO: VERBETE E PROJETO DE PESQUISA	269
Verbete.....	269
Foco no texto: verbete de enciclopédia.....	269
Hora de escrever.....	271
Projeto de pesquisa.....	274
Hora de escrever.....	275
■ CAPÍTULO 2 - PANORAMA DA LITERATURA PORTUGUESA NO SÉCULO XX - ANÁLISE LINGÜÍSTICA: GERÚNDIOS E GERUNDISMO - CARTA DE APRESENTAÇÃO	
LITERATURA: PANORAMA DA LITERATURA PORTUGUESA NO SÉCULO XX: FERNANDO PESSOA E JOSÉ SARAMAGO	277
Fernando Pessoa.....	278
Foco no texto: "Autopsicografia" e "O mistério das cousas, onde está ele?".....	279
José Saramago.....	283
<i>Todos os nomes</i>	283
Foco no texto: fragmento de <i>Todos os nomes</i>	284
LÍNGUA E LINGUAGEM: ANÁLISE LINGÜÍSTICA: GERÚNDIOS E GERUNDISMO	288
Foco no texto: tira de Adão Iturrusgarai.....	288
Reflexões sobre a língua.....	290
Texto e enunciação.....	292
PRODUÇÃO DE TEXTO: CARTA DE APRESENTAÇÃO	294
Foco no texto: carta de apresentação.....	294
Hora de escrever.....	297
■ CAPÍTULO 3 - LITERATURAS AFRICANAS DE LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA NEGRO-BRASILEIRA - ANÁLISE LINGÜÍSTICA: POLISSEMIA E AMBIGUIDADE - ENTREVISTA DE EMPREGO	
LITERATURA: LITERATURAS AFRICANAS DE LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA NEGRO-BRASILEIRA	299
Literaturas africanas de língua portuguesa.....	299
Foco no texto: "Namoro", de Viriato da Cruz, e "Quero ser tambor", de Craveirinha.....	301
A literatura negro-brasileira.....	304
Foco no texto: "Para um negro", de Adão Ventura, e "Nossa gente", de Márcio Barbosa.....	305
Entre textos: "Velho negro", de Agostinho Neto, e "Sou negro", de Cuti.....	307
LÍNGUA E LINGUAGEM: ANÁLISE LINGÜÍSTICA: POLISSEMIA E AMBIGUIDADE	310
Foco no texto: anúncio do Dia Mundial da Propaganda.....	310
Reflexões sobre a língua.....	311
Texto e enunciação.....	313
PRODUÇÃO DE TEXTO: ENTREVISTA DE EMPREGO	315
Foco no texto: entrevista de emprego.....	315
Hora de produzir.....	318
Mundo plural.....	320
POR DENTRO DO ENEM E DO VESTIBULAR	322
PROJETO: FEIRA DE PROFISSÕES - VOCÊ NO MERCADO DE TRABALHO	328

Apêndice

Análise sintática do período composto.....	330
Orações coordenadas.....	330
Orações subordinadas.....	331
BIBLIOGRAFIA	336
ORIENTAÇÕES DIDÁTICAS	337

ANEXO E – LIVRO QUE POSSUI ESPAÇO PARA A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA



VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

WILTON ORMUNDO

Bacharel e licenciado em Letras (habilitação Português/Linguística) pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas e pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Mestre em Letras (Literatura Brasileira) pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Diretor pedagógico e educacional (responsável pela orientação de famílias e de estudantes do Ensino Médio). Gestor cultural e professor de Português e de disciplinas especiais de formação de adolescentes em escolas em São Paulo por 23 anos.

CRISTIANE SINISCALCHI

Bacharela e licenciada em Letras (habilitação Português) pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas e pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Mestra em Letras (Teoria Literária e Literatura Comparada) pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Professora de Português e coordenadora de Língua Portuguesa em escolas de Ensino Médio em São Paulo por 27 anos. Autora de livros didáticos e paradidáticos.

SE LIGA NAS LINGUAGENS PORTUGUÊS

**OBRA ESPECÍFICA:
LÍNGUA PORTUGUESA**

Área do conhecimento:
Linguagens e suas Tecnologias

MANUAL DO PROFESSOR

1ª edição

São Paulo, 2020



Coordenação editorial: Roberta Vaiano
Edição de texto: Ademir Garcia Telles, Débora Lima, Felipe Bio, Sueli Campopiano, Valéria de Freitas Pereira
Assistência editorial: Cíntia Afarelli Pereira, Daniel Maduar Carvalho Mota, Simone Herdcovitch de Castro
Gerência de design e produção gráfica: Everson de Paula
Coordenação de produção: Patrícia Costa
Gerência de planejamento editorial: Maria de Lourdes Rodrigues
Coordenação de design e projetos visuais: Marta Cerqueira Leite
Projeto gráfico: Daniel Messias, Adriano Moreno Barbosa
Capa: Daniela Cunha, Douglas Rodrigues José
Foto: OSTILL is Franck Camh/Shutterstock
Coordenação de arte: Wilson Gazzoni Agostinho
Edição de arte: Paula de Sá Belluomini, Rodolpho Souza
Editoração eletrônica: Casa de Ideias
Edição de infografia: Giselle Hirata, Priscilla Boffo
Coordenação de revisão: Elaine C. del Nero
Revisão: Adriana Bairrada, Renato Rocha
Coordenação de pesquisa iconográfica: Luciano Baneza Gabarron
Pesquisa iconográfica: Mariana Zanato, Marcia Sato, Maria Marques
Coordenação de bureau: Rubens M. Rodrigues
Tratamento de imagens: Joel Aparecido, Luiz Carlos Costa, Marina M. Buzzinaro
Pré-impressão: Alexandre Petreca, Everton L. de Oliveira, Marcio H. Kamoto, Vitória Sousa
Coordenação de produção industrial: Wendell Monteiro
Impressão e acabamento:

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Ormundo, Milton
 Se liga nas linguagens : manual do professor / Milton Ormundo, Cristiane Siniscalchi. -- 1. ed. -- São Paulo : Moderna, 2020

Obras específica: Língua portuguesa
 "Área do conhecimento: Linguagens e suas tecnologias"

I. Português (Ensino médio) I. Siniscalchi, Cristiane. II. Título.

20-38400 CDD-469.07

Índices para catálogo sistemático:

I. Português : Ensino médio 469.07

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Todos os direitos reservados

EDITORA MODERNA LTDA.

Rua Padre Adelino, 758 - Belenzinho
 São Paulo - SP - Brasil - CEP 03303-904
 Vendas e Atendimento: Tel. (0__11) 2602-5510
 Fax (0__11) 2790-1501
 www.moderna.com.br
 2020

Impresso no Brasil

1 3 5 7 9 10 8 6 4 2


SUMÁRIO

Este livro e o ensino-aprendizagem de língua portuguesa	VI	Orientações específicas dos capítulos	XLIV
A BNCC NESTE LIVRO	VI	CAPÍTULOS DA PARTE DE LITERATURA	XLIV
LINGUAGEM: ESSE OBJETO TÃO COMPLEXO	VI	Capítulo 1	XLIV
POR QUE LITERATURA E ANÁLISE LINGÜÍSTICA/ SEMIÓTICA EM UM VOLUME ÚNICO?	VIII	Capítulo 2	XLIV
LEITOR/LEITURA	IX	Capítulo 3	XLIV
PARTE 1 - LITERATURA: PODER HUMANIZADOR ...	X	Capítulo 4	XLV
PARTE 2 - ANÁLISE LINGÜÍSTICA/SEMIÓTICA: REFLEXÕES SOBRE A LÍNGUA	XIV	Capítulo 5	XLV
ORALIDADE	XVII	Capítulo 6	XLVI
UNIVERSO E GÊNEROS DIGITAIS	XVII	Capítulo 7	XLVI
Tutoriais – Material digital	XIX	Capítulo 8	XLVII
Temas de educação (avaliação, metodologias ativas, pensamento computacional, competências e habilidades, diálogos interdisciplinares, projeto de vida e promoção de saúde mental)	XXI	Capítulo 9	XLVIII
AVALIAR É PRECISO	XXI	Capítulo 10	XLIX
Enem: uma prova em grande escala	XXVII	Capítulo 11	L
O ALUNO PROTAGONIZANDO SUAS APRENDIZAGENS: AS METODOLOGIAS ATIVAS	XXVII	Capítulo 12	L
PENSAR COMPUTACIONALMENTE	XXIX	Capítulo 13	LI
COMPETÊNCIAS E HABILIDADES	XXXI	Capítulo 14	LII
Comunicando-nos com outros saberes	XXXII	Capítulo 15	LII
PROJETANDO A VIDA	XXXV	CAPÍTULOS DA PARTE DE ANÁLISE LINGÜÍSTICA/SEMIÓTICA	LIII
PROMOVENDO SAÚDE MENTAL	XXXVI	Capítulo 16	LIII
O que é violência autoprovocada?.....	XXXVI	Capítulo 17	LVI
O que é <i>bullying</i> ?	XXXVII	Capítulo 18	LVII
Tempo de planejar	XXXIX	Capítulo 19	LIX
Estrutura da coleção	XLI	Capítulo 20	LX
PARTE 1 – LITERATURA	XLI	Capítulo 21	LXII
PARTE 2 – ANÁLISE LINGÜÍSTICA/SEMIÓTICA	XLII	Capítulo 22	LXIII
BOXES DO VOLUME ESPECÍFICO	XLIII	Capítulo 23	LXVI
		Capítulo 24	LXVII
		Capítulo 25	LXIX
		Capítulo 26	LXX
		Capítulo 27	LXXI
		Capítulo 28	LXXIII
		Capítulo 29	LXXIV
		Capítulo 30	LXXV
		Capítulo 31	LXXVI
		Capítulo 32	LXXVI
		REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	LXXVII
		REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS COMPLEMENTARES COMENTADAS	LXXIX